



FL. Nº
Anexo – notas taquigráficas
Proc. nº
CMSP – NOME DA CPI
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE POLÍTICA URBANA, METROPOLITANA E MEIO
AMBIENTE

PRESIDENTE: SOUZA SANTOS

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA
LOCAL: CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
DATA: 05 DE MAIO DE 2017

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Manifestação fora do microfone
- Tumulto

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Boa tarde a todos.

Na qualidade de Presidente da Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente, declaro abertos os nossos trabalhos.

Esta é a 6ª audiência pública do ano de 2017. Estão presentes os Srs. Vereadores Eduardo Matarazzo Suplicy e Rodrigo Gomes. A realização desta audiência foi publicada no *Diário Oficial da Cidade de São Paulo* desde o dia 28 de abril de 2017. Informo, ainda, que esta reunião está sendo transmitida pelo portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço www.camara.sp.gov.br e no *link* Auditórios Online.

Antes de passarmos à abertura, convido algumas pessoas para fazerem parte da Mesa: Sra. Heloísa, que ainda não chegou; Sra. Mariane Simões Pereira, Arquiteta e Coordenadora de CPDU/Mooça; Sr. Walter Mezetti, Coordenador do Governo Local, representando, neste ato, o Sr. Prefeito Regional da Mooça; Sra. Solange Maria Alves Neves, a Sol; Sr. Gilson Roberto de Assis, Vice-Presidente da Cooperfeira; Dr. Fábio Gomes Mesquita; Sra. Taís Munhoz, representante da Empresa Consórcio SP Administradora da Feira da Madrugada; Sr. Nilton de Castro Barbosa, representando a Secretaria Municipal do Trabalho e Empreendedorismo Secretário do Trabalho, representando, neste ato, o Sr. Eliseu Gabriel; Dr. Giuseppe Giamundo Neto, representante da Empresa Consórcio SP Administradora da Feira da Madrugada; Sr. Maurício Keller, representante da Empresa Consórcio SP Administradora da Feira da Madrugada.

Temos doze inscritos para falar. Antes, lerei algumas questões a respeito de nosso tema – Feira da Madrugada. Peço o seguinte para todos: é claro que, em certo momento, poderemos ter um debate ou uma colocação um pouco acalorada. Mas eu peço para que, de forma democrática, possamos fazer uma audiência pública muito tranquila e transparente, a fim de darmos a toda à população, aos comerciantes e aos trabalhadores da Feira da Madrugada transparência acerca do que estamos fazendo. Peço para que todos ouçam e respeitem a pessoa que estiver fazendo uso da palavra, para que possamos fazer um bom debate.

(Palmas)

Então, passarei a todos o que chegou à Comissão e aos trabalhadores acerca do que está ocorrendo na Feira da Madrugada, ou seja, a situação atual da Feira. Se houver algo contrário, as pessoas poderão se manifestar a respeito, quando fizerem uso da palavra, dizendo se estamos corretos ou não.

Sobre a situação atual, o que nos chegou foi o seguinte: 4 mil *boxes*; 8 mil trabalhadores; 60 mil empregos indiretos, considerando fabricantes, vendedores e clientes que compram para revender, R\$ 910,00 é o valor cobrado dos comerciantes que tem TPU – Termo de Permissão de USO; e R\$ 1.250,00 é o valor cobrado pelos vendedores sem TPU, que faziam parte da GCA. Observação: os comerciantes ingressantes, que não participavam da organização anterior, estimasse cobrança de aluguéis que varia entre 10 e 20 mil ao mês, atualmente.

O contrato da licitação previa a construção de um shopping popular com a seguinte estrutura - ou seja, para o futuro: 4 mil *boxes*, mínimo; parte para o estacionamento de 300 ônibus e 400 para apoio ao turista; um núcleo de 60 salas comerciais; instalação de casa lotérica e bancos; e um hotel com 146 leitos”. Foi isso que chegou até a gente.

Muito bem, fatos sobre a Feira da Madrugada, foi o que chegou até nós.

“A Feira da Madrugada foi um movimento formado por cerca de 4.000 trabalhadores autônomos do Brás. Ainda na gestão do prefeito Kassab, a Prefeitura apresentou um projeto de organização dos trabalhos para regularização do comércio. Foram fornecidos TPU - Termo de Permissão de Uso para 2.000 trabalhadores; outros 2.000 deixaram de ser contemplados e passaram a exigir providências da Prefeitura, enquanto trabalhavam de maneira irregular. O projeto de organização previa a disponibilização de uma área para desenvolvimento de comércio popular de abrangência social. Os comerciantes que participassem do projeto auxiliariam na organização do empreendimento através do pagamento de 24 parcelas de R\$ 910,00 e, depois desse período, fariam o pagamento de uma taxa social

de R\$ 300,00 ao mês. Como nem todos os trabalhadores estavam regulares e objetivando resolver a situação, o Prefeito Haddad resolveu abrir licitação para a iniciativa privada para que construísse uma estrutura, um shopping, que atenderia a todos os 4.000 trabalhadores com as melhores condições de infraestrutura. Realizou-se então a licitação, processo nº 2013-0.363.253-3, vencido pelo consórcio Circuito das Compras São Paulo SP, a quem foi conferido o direito de explorar a feira administrando todas as suas atividades.

Após o consórcio assumir a Feira da Madrugada, os comerciantes passaram a sofrer com uma série de irregularidades. O valor cobrado pelos aluguéis ficou demasiadamente alto levando os comerciantes a uma grande taxa de inadimplência. Houve reorganização dos *boxes* e a destinação de novas posições foi destinada pela nova administração, sem considerar os benefícios de localização que os comerciantes já tinham. Pessoas que ocupavam posições estratégicas, esquinas, por exemplo, foram instalados em lugares considerados completamente excluídos do fluxo de movimento.

Ao assumir a administração, o consórcio realizou reformas no local, mas o desenho de engenharia feito inicialmente foi desrespeitado. Locais que deveriam servir como rota de fuga foram transformados em *box* e vendido para pessoas que nunca trabalharam na Feira a preços estratosféricos, de 60 a 100.000 mil reais. Aproximadamente 2.800 comerciantes estão economicamente negativados. Os comerciantes antigos estão prejudicados porque não conseguem vender, como consequência não conseguem pagar os alugueis e ingressaram num círculo vicioso do qual não conseguem sair.

A nova administração não está garantindo acomodação aos quatro mil comerciantes que antes não estavam organizados, pelo contrário, tem criado situações que os levam à inadimplência e expulsando-os da Feira para ceder lugares a outros comerciantes mediante a cobrança de valores muito altos. O consórcio passou a vender vagas para novos comerciantes ofertando lugares privilegiados, cobrando dos mesmos quantia muito elevadas. Após assumir, a nova administração construiu cerca de 1.500 *boxes*, o que reduziu em 20% a

capacidade da área destinada ao estacionamento de ônibus.

De acordo com o edital de licitação, no local será construído um mega shopping, sendo necessário à demolição da atual estrutura, que foi construída através do esforço conjunto dos comerciantes. Eles não aceitam a demolição.

O projeto de licitação previu a transferência provisória dos vendedores, durante a construção do shopping. Em razão disso, estão realizando obras no local denominado setor sul, pátio amarelo, o Amarelão, com previsão de acomodação de 1.200 *boxes*, onde ficarão os 2.500 comerciantes restantes.

Voltaram a vender nas calçadas e o consórcio utiliza métodos arbitrários e abusivos para cobrar os inadimplentes, como a lacração de *box* com solda e a retirada das portas, impedindo os vendedores de permanecer no local. As cobranças também são feitas de maneira coercitiva, através de indivíduos armados.

Segundo os comerciantes, embora tenha havido determinação judicial para interrupção das obras do setor azul, as mesmas têm ocorrido a todo vapor com previsão de transferências dos vendedores para junho de 2017. A administração está informando que só participarão do sorteio os comerciantes que estiverem adimplentes, ou seja, rigorosamente em dia. Na primeira semana de maio de 2017, anunciaram sorteio para o dia 19 de maio e ofereceram parcelamento da dívida em 10 vezes, no cartão.

Para encerrar, também de acordo com os comerciantes, “o consórcio não está cumprindo com as obrigações fiscais. Está devendo aproximadamente quatro milhões em impostos, deve para a Prefeitura, para o Estado e para a União. Existem inúmeros boletins de ocorrência denunciando essas arbitrariedades. O consórcio está movendo centenas de ações de despejo contra os comerciantes. Eles alegam que o processo licitatório foi fraudado pois um grupo de comerciantes participou, mas teve a sua apresentação desconsiderada”. (Palmas) Foi isso que chegou até a gente.

Vamos ao segundo ponto. Antes, devo dizer que, daqui a pouco, vou consignar a

palavra ao Senador Suplicy.

“Quais as principais reivindicações dos comerciantes da Feira da Madrugada? 1 - manutenção do mapa do projeto original de abrangência social anterior à licitação para que os comerciantes ocupam os pontos que ocupavam antes. 2 - implementação da taxa social ao invés dos aluguéis, sendo: R\$ 300,00 por mês para os *boxes* do meio; e R\$ 500,00 mês para os *boxes* de esquina. 3 - gestão compartilhada do complexo comercial, os comerciantes desejam participar das decisões, gestão e administração da Feira da Madrugada. 4 - desativação das novas construções que subtraíram a área do estacionamento dos ônibus. 5 - estabelecimento de cotas para estrangeiros, dentro da Feira. 6 - cancelamento da licitação, uma vez que considera que o processo foi fraudado. E a última: 7 - não transferência para o setor sul, Amarelão”. (Palmas)

Muito bem, eu gostaria de consignar a palavra ao Vereador Suplicy, nosso Senador, para que faça às suas considerações iniciais. Fique à vontade.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY - Meus cumprimentos, caro Presidente, Vereador Souza Santos; Vereador Rodrigo Gomes; caros participantes desta audiência, representantes dos trabalhadores, feirantes das diversas cooperativas, Cooper Feira da Feira da Madrugada, senhores representantes dos feirantes.

Após ter realizado visitas na Feira da Madrugada e tendo ouvido algumas das pessoas aqui presentes, avaliei que seria importante realizar esta audiência pública. Ouvi muitos dos trabalhadores feirantes, inclusive, quando fiz a visita. E também recebi a visita dos membros do consórcio e avaliei que era muito importante que pudéssemos ter esta reunião. Conforme o Presidente Souza Santos explicitou, acredito que teremos uma reunião com resultados bastante positivos, sobretudo na medida em que as partes se respeitarem e pudermos ouvir com atenção e respeito as palavras de cada uma das pessoas, que hoje, não apenas os membros da Mesa convidados, mas também foi aberta a palavra para que outras pessoas possam, além dos convidados, expressarem a sua avaliação, suas opiniões e

sugestões.

De minha parte, quero dizer que na medida em que conseguir harmonizar todas as diferenças considerando que os senhores e senhoras que são feirantes da Feira da Madrugada, há tantos anos, desde que foi inaugurada, aqui têm um direito normal assegurado de participarem. E avalio muito importante a reivindicação dos senhores e senhoras que estejam coparticipando das decisões que estão sendo tomadas. Tenho a notícia de que durante o governo de Fernando Haddad foi feito um processo de licitação, depois de uma primeira tentativa durante o governo de Gilberto Kassab. Alguns colocam algumas questões relativas à forma como se concluiu essa licitação, pelas informações que obtive isso foi objeto até de exame pelo Ministério Público, pela justiça, mas seria esta uma oportunidade para que os representantes do consórcio possam explicar claramente quais foram as decisões no âmbito do Ministério Público, da Justiça e junto à Prefeitura sobre todo procedimento havido na licitação. Esta será uma oportunidade muito significativa. E avalio que também com respeito a algumas indagações e afirmações que o Presidente Souza Santos acabou de ler, por exemplo, a informação da parte de alguns que chegaram à presidência desta comissão de que estaria havendo atraso do pagamento de algumas obrigações por parte do consórcio, seja relativamente ao pagamento da água junto à Sabesp, seja pagamento do uso da eletricidade e de outras questões relativas aos impostos municipais, estaduais, federais. Então, seria a oportunidade também de os senhores esclarecerem os pontos que foram aqui mencionados e acho que consegui sintetizar muitas das questões.

Vou formular algumas questões para os responsáveis pelo consórcio e depois para os feirantes. Vou ler, são breve perguntas para termos as informações mais precisas, seria importante que pudessem nos informar: quantos feirantes trabalham hoje na Feira? Vou encaminhar ao senhor por escrito.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – O senhor está dirigindo a palavra para quem?

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY – Para o responsável pelo consórcio que é o Sr. Maurício Keller. Portanto, quantos feirantes trabalham hoje na Feira? Quantos são permissionários e quantos são não permissionários? Quantos são os permissionários adimplentes e quantos estão inadimplentes? Dos não permissionários adimplentes quantos estão inadimplentes? E em havendo um procedimento para facilitar para que todos estejam em adimplência, se porventura há alguns que tiveram dificuldades de realizar o pagamento, quais procedimentos estão sendo realizados para facilitar que possam todos estar adimplentes? Como os feirantes serão realocados no Amarelão? Quais as regras? Para quando está previsto o início, o andamento e a entrega das obras do shopping e do centro de compras? Quais serão as regras do sorteio para os boxes quando as obras do shopping forem concluídas?

E se puderem aqui detalhar, foi observado que no arranjo atual, alguns dos feirantes se sentem um tanto prejudicados pela forma como acabaram sendo destinados os seus boxes. Quando visitei a Feira da Madrugada, por exemplo, mencionaram a mim e mostraram o que antes era um corredor aberto foi fechado por causa possivelmente por diretriz do corpo de bombeiros, mas isso acabou fechando um corredor que prejudicou alguns feirantes que estavam por perto, diminuiu muito a passagem dos potenciais fregueses. Então, se puderem também explicar esse assunto. É capaz dos feirantes presentes, os trabalhadores terem muitas outras perguntas, mas essas são algumas que avalei como importantes para que todos venhamos a saber.

Para todos os feirantes representados, a Sra. Solange Maria Alves Neves, o Sr. Gilson Roberto de Assis, ambos são representantes da Cooperfeira, dos trabalhadores da Feira da Madrugada; e também o Sr. Fábio Gomes Mesquita.

Então, para os feirantes, tenho as seguintes perguntas: quais as demandas em relação às obras que estão sendo feitas pelo Consórcio? Retratem um pouco o histórico e a condição dos trabalhadores da Feira. Vocês têm podido participar das decisões em relação aos passos de realocação, regras de sorteio e permanência na feira? Quais as principais

reivindicações que vocês têm a fazer para a Prefeitura e para o Consórcio?

Avalio que um dos pontos principais para os feirantes, que obviamente tem a ver na relação com o Consórcio, é qual a forma de participação dos feirantes, dos trabalhadores, para poderem influenciar as decisões do Consórcio que vêm administrando? Avalio que é muito importante que haja uma boa interação e um bom entendimento para que consigamos caminhar no sentido de uma harmonia.

Acredito que esta reunião tem a possibilidade de significar passos importantes de um atendimento que, até agora, pelo que percebi, tem sido difícil. Mas, quem sabe, Presidente Souza Santos, esta reunião pode significar um passo importante de entendimento para todos que estão lá trabalhando pela sua sobrevivência e de suas famílias.

Espero que seja garantida a dignidade a todos de poderem bem sustentar as suas famílias e de poderem ter uma relação de harmonia com os responsáveis do Consórcio.

Obviamente, após a resposta de ambos, eu gostaria que a Sra. Mariane Simões Pereira, representante do Prefeito Regional da Mooca, possa transmitir em que medida a Prefeitura Municipal de São Paulo, especialmente da Mooca, está também colaborando para que haja um bom entendimento entre as partes.

Da mesma forma, o Sr. Nilton de Castro Barbosa, representante do Secretário Eliseu Gabriel, para que possa nos dizer a própria Secretaria do Trabalho, que foi responsável pelo processo de licitação dentre outros órgãos da Prefeitura, como será possível sairmos daqui com uma relação de entendimento entre as partes. Essas eram as questões que tinha a fazer.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Muito bem. Tendo em vista que alguns chegaram atrasados, eu queria pedir, da esquerda para a direita, que se apresentassem bem rapidamente, para que as pessoas que estão assistindo possa identificar cada um.

O SR. BRUNO GUEDES – Sou gestor do fundo que é o proprietário majoritário da

empresa Circuito de Compras, vencedora da concessão que administra a Feira da Madrugada.

O SR. GIUSEPPE GIAMUNDO NETO – Sou Advogado do Consórcio ganhador da licitação da Feira da Madrugada.

O SR. NILTON DE CASTRO BARBOSA – Eu sou o Nilton, trabalho com professor Eliseu Gabriel na Secretaria do Trabalho.

O SR. GILSON ROBERTO DE ASSIS – Sou Vice-Presidente da Cooperfeira, da Feira da Madrugada.

O SR. RODRIGO GOMES – Vereador por 107 dias nesta Casa.

O SR. SOUZA SANTOS – Sou o Vereador Souza Santos no meu terceiro mandato de luta na cidade. Obrigado pela presença de vocês aqui.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPPLY – Já fui Vereador e voltei a Casa.

A SRA. MARIANE SIMÕES PEREIRA – Eu sou coordenadora de Planejamento de Desenvolvimento Urbano da Prefeitura Regional da Mooca.

O SR. WALTER MEZETTI – Sou coordenador de governo local da Prefeitura regional da Mooca.

O SR. MAURÍCIO KELLER – Sou representante da EFM Participações, uma das sócias do consórcio e particularmente sou responsável pela construção do projeto.

A SRA. SOLANGE MARIA ALVES NEVES – Sou comerciante da Feira da Madrugada e também Presidente da Cooperfeira.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Tem a palavra o Sr. Rodrigo Gomes.

O SR. RODRIGO GOMES – Grato, Presidente Souza Santos. Cumprimento V.Exa. em nome de todos da Mesa assim como o Vereador Eduardo Suplicy, que sempre será o nosso Senador. Agradeço o convite do Suplicy, à época eu era Vereador na cidade de São Paulo. Deixo alguns informes aqui.

O Vereador Suplicy disse que já existe há muito tempo a Feira da Madrugada. Nove de agosto de 2005. Foi inaugurada exatamente nessa data a Feira da Madrugada, mais que

um projeto social, é um projeto de vida para aquelas quatro mil famílias. E ter uma audiência pública para discutir o tema é importante para que cada um de vocês possa sair daqui com as suas reivindicações atendidas ou pelo menos ouvidas e para que possam demonstrar também as suas insatisfações, indignações.

E nesse debate democrático todos nós, inclusive o Poder Legislativo, aqui fiscalizatório do Executivo, possa trazer encaminhamentos importantes para vocês, mais do que acusações e defesas esta audiência pública precisa sair com uma solução definitiva. Tão importante quanto dizer que um deixou de fazer, ou o outro não fez, vocês principalmente que têm um projeto de vida dentro daquele local precisam ter uma luz no fim do túnel.

É para isso que a audiência pública serve. É para isso que o poder público está abrindo as portas. Todos nós que estamos aqui, seja ouvinte ou reclamante, ou quem vem aqui fazer as suas reivindicações precisa ter esse entendimento que no final dessa reunião as pessoas que estejam dentro dessa sala, que felizmente são muitas, mas poderiam ser as quatro mil famílias aguardando uma solução pudessem ter pelo menos uma luz. Olha vai acontecer.

Quero falar mais alguns fatos sobre a história. No momento da reconstrução da Feira eram previstos aproximadamente oito milhões para a execução da obra. Ela foi para 27. Então, orçaram-se oito milhões e executaram-se 27. Fiz uma solicitação, um requerimento, dentro desta Casa que já foi encaminhado à Comissão de Finanças, da qual fiz parte. Hoje é a Vereadora Soninha Francine que é membro do Conselho. Fiz isso exatamente para levantar essas reivindicações que o Presidente desta Comissão e desta audiência pública, Vereador Souza Santos, acabou de mencionar, sobre o que foi gasto.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – O requerimento já foi aprovado na Comissão.

O SR. RODRIGO GOMES – Já foi. Inclusive, já foi aprovado.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – É um requerimento de informação.

O SR. RODRIGO GOMES – É um requerimento de informação na Comissão de Finanças. Não há só esse levantamento sobre inadimplentes – que a feira da madrugada não estava pagando, que o Consórcio não estava pagando água, luz e tudo mais –, mas há um levantamento sobre a obra, também, porque é importante saber isso. Foi por oito meses, se eu não me engano, que a Feira da Madrugada ficou parada.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. RODRIGO GOMES – Foram 27 milhões gastos e, na volta, tem um problema desses. Então, tenho certeza de que todos os que estão a esta Mesa têm o interesse pleno de deixar todos aqueles que estão ali sentados com as informações devidamente solucionadas e de permitir que sejam ouvidos, também, sobre as suas reivindicações. Que nós possamos sair daqui, hoje, com uma saída efetiva para todos.

Sr. Presidente, não vou me alongar muito mais sobre isso. Só para deixar aqui, eu recebi no gabinete uma lista. É um abaixo-assinado com mais de 1.500 assinaturas. Ele está sob a minha posse e eu gostaria de deixar uma cópia registrada aqui, dentro desta Audiência Pública, para que tenha o peso de cada um de vocês, que estão aqui presentes.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Está bom. Nós vamos abrir à palavra. São três os inscritos que nós temos aqui. O Sr. Maurício Keller também gostaria de fazer suas considerações. Aliás, falará sobre algumas questões e, em seguida, eu passarei àqueles inscritos.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Isso. Pois não, Sr. Maurício. Boa tarde.

O SR. MAURÍCIO ROBERTO RIBEIRO KELLER – Boa tarde a todos. Primeiramente, eu gostaria de parabenizar o Vereador Eduardo Matarazzo Suplicy, porque só uma pessoa de sua envergadura política teve a percepção de quão importante é, realmente, fazer esta Audiência, para ouvirmos as coisas que estão sendo faladas e podermos responder.

A primeira coisa de que eu gostaria de falar é que nós temos um respeito profundo por vocês.

- Tumulto.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Esperem aí, pessoal.

O SR. MAURÍCIO ROBERTO RIBEIRO KELLER – Nós estamos aqui na figura de convidados. Então, nós poderíamos não ter vindo aqui, mas, em respeito a eles, fizemos questão de vir e poder explicar o nosso lado, o nosso ponto de vista.

Há outra coisa que é importante. Já responderam a algumas coisas que o Vereador Eduardo Matarazzo Suplicy falou. Embora sejam quatro mil os boxes que constam do projeto original, nós temos na Feira, hoje, 3.800 boxes. Aqui não há mais de 200 pessoas. Então, esta representatividade, aqui, tem de ser ouvida, sim, mas ela não é a totalidade da Feira da Madrugada. A Feira da Madrugada tem 3.800 pessoas. Nesta sala não há 200 pessoas. Está certo?

- Tumulto.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Esperem aí, gente. Ele está com a palavra. São inscritos, aqui. Eu falei no início que quem desejasse se inscrever, então, se inscreveria.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Ok, mas, se vocês não deixarem que ele fale, ficará ruim quando vocês também forem falar, pois vocês vão querer atenção. Correto? Então, deixem-no falar. Nos questionamentos de vocês, vocês colocarão isso. Cada um terá três minutos para falar. Aí, vocês falam o que vocês entenderem, pessoal. Vamos fazer uma coisa democrática e respeitosa, como bem colocou o nosso Senador, que é um homem educado, ilibado, de uma conduta maravilhosa. Vou pedir algo democrático. Vamos fazer uma coisa tranquila.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Quem se sentir ofendido fala ao microfone, rapaz. Calma, lá!

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY – Vocês vão ter a oportunidade de falar.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Vocês têm a oportunidade de falar.

Inscreveu-se, meu querido?

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Pois é. Então, inscreva-se para falar.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY – Pode se inscrever.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Nós estamos em uma audiência pública e não vamos chegar a lugar nenhum. Vejam bem, o que é democracia? Democracia é conquista. Não é concessão. Não é na pancada. Esperem aí. Nós estamos em uma audiência pública. Vamos ouvir todo mundo de forma respeitosa, como bem colocou o Sr. Maurício. Não estou defendendo ninguém. Ele veio a convite. Nós o convidamos. Houve alguns que nós convidamos e não vieram. É problema de cada um. Vocês estão aqui. São respeitados por nós. Nós estamos respeitando vocês. Está certo? Então, vamos continuar. Pois não, Sr. Maurício.

O SR. MAURÍCIO ROBERTO RIBEIRO KELLER – Então, nós estamos aqui para ouvir vocês. Está certo? É para debatermos e chegarmos a um acordo no caminho. Principalmente, precisamos mostrar para vocês o que vai ser o projeto da Feira da Madrugada. Muitos não conhecem o projeto da Feira da Madrugada.

Primeiramente, esse projeto não nasceu com o João Doria. Não nasceu com o Haddad. Ele nasceu com o Kassab. Depois, esse projeto foi licitado com o Haddad. Quando houve a licitação do Haddad, era praticamente impossível esse projeto ir para frente, porque é um projeto muito grande. Um bilhão e meio é o valor do contrato.

Não há, hoje, nenhuma empresa média no Brasil com essa capacidade – e as empresas grandes estão todas com problema. Então, formou-se um consórcio de empresas médias. São dez empresas médias, sendo que aparecem duas e há um fundo que abriga oito. Então, são duas empresas separadas e há um fundo que abriga oito. Foi graças a essas dez empresas médias que se fez o consórcio para ganhar essa concessão.

Outra coisa importante é que o projeto da Feira é um projeto revolucionário. Hoje, lá, nós não temos ar condicionado e o projeto da Feira vai ter ar condicionado.

- Tumulto.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Esperem aí, gente. Sente-se aí, Sr. Alex. Anotem e vocês colocam isso depois.

O SR. MAURÍCIO ROBERTO RIBEIRO KELLER – Depois, o projeto novo da Feira vai ter vaga para 2.500 carros. Hoje não cabem mais de 200 carros lá dentro. O projeto da Feira vai ter vaga para 315 ônibus. Vai ser o maior terminal particular de São Paulo. O Terminal do Tietê tem 90 vagas. Nós vamos ter 315 vagas.

Depois, nós vamos ter um projeto altamente moderno, altamente seguro. Para se ter ideia, Sr. Presidente, quando nós ganhamos o contrato, que foi no dia 4 de dezembro, o Haddad pediu para nós entrarmos logo lá, na Feira. Nós falamos: “Não, nós não vamos entrar na Feira, Prefeito, porque a Feira não tem AVCB. Como é que eu vou entrar em uma feira a que o bombeiro não deu AVCB?” Nós só entramos na Feira de fato e fomos imitados na posse no dia 1º de março. Foi quando nós conseguimos o AVCB. Tal era a nossa preocupação com os trabalhadores. Não tivemos pressa de entrar na Feira. Só entramos na hora em que nós conseguimos regularizar o projeto com o bombeiro.

Outra coisa de que temos ouvido muito falar é a questão de valores de aluguel. Aqui mesmo, falou-se em valores de 20 mil. Não existe isso.

- Tumulto.

O SR. MAURÍCIO ROBERTO RIBEIRO KELLER – Por contrato, nós somos obrigados a cobrar 950 reais. É isso o que cobramos: 950 reais.

Outra coisa que é importante falar são os números que o Sr. Suplicy colocou. Nós temos hoje, na feira, 3.850 *boxes* ocupados. Dos 4.100, mais ou menos, nós temos 3.850. Desses 3.850, nós temos 3.500 contratos. Desses contratos, nós temos 1.500 contratos com pessoas que tinham TPUs, que estavam cadastradas na Prefeitura antes da licitação. Embora

o cadastro seja de 2.400, só apareçam para assinar contratos 1.500, e as outras diferenças são pessoas que aparecem lá e foram feitos contratos. Agora, para todos, independente se têm TPUs e não TPUs, só são cobrados 950 reais.

Depois, são coisas que falaram, que nós não pagamos contas de água e luz. É impossível. O consórcio está desde março lá, e não ser pago. Tudo foi pago, tudo foi apresentado ao Tribunal de Contas. Todos os impostos foram pagos. Nós já pagamos para a Prefeitura dez milhões de taxas. Nós vamos pagar para a Prefeitura 18 milhões de quotas de solidariedade, que serão investidos em Habitação. Nós vamos fazer nove milhões de benfeitorias no trânsito local. Tudo isso foi exigido no edital e vai ser feito.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Tem a palavra o Sr. Jeremias Ferreira dos Santos.

O SR. JEREMIAS FERREIRA DOS SANTOS – Eu agradeço em nome do nosso nobre Vereador e Senador Suplicy, e cumprimento toda a Mesa. A nossa fala aqui é muito simples. É só a gente ver o resultado que tem a feira hoje. O resultado da feira fala por si próprio. A gente não precisa estar debatendo. A gente está vendo o resultado. O nobre Vereador Suplicy foi lá e viu o resultado. Então, não precisa a gente falar nada. A gente está vendo o resultado dentro da feira. Quanto a essa questão, de que o consórcio fez ou não fez, tudo que fizeram, fizeram por interesse próprio, para eles. A diretoria do consórcio, o Presidente consórcio fala de coisas que não conhece. Como é que eu vou me alimentar de uma coisa que eu não conheço? Para eu vender uma coisa para alguém que seja boa, primeiro eu tenho que experimentar. Eu tenho que conhecer uma história, e a história da feira hoje só quem conhece são os trabalhadores que estão aqui. (Palmas) Os senhores conhecem a verdadeira história da feira. O resto foi meia dúzia de empresários, oportunistas, que estão sacrificando todos esses trabalhadores que estão aqui, com o nome no Serasa. Os nomes das pessoas estão no Serasa. Há pessoas que não têm almoço para comer, e há pessoas aqui que não almoçam dentro da feira, em função da destruição que esse consórcio entrou e causou

dentro da feira da madrugada. (Palmas)

Então, eu acho que nós não precisamos discutir a realidade. Ela está para qualquer um ver. É só entrar na feira e ver que 50% dos *boxes* estão todos fechados, porque são pessoas que estão devendo 20, 30, 40 mil reais, e o consórcio colocou uma cobrança. Não conseguem pagar, e têm que pular para a rua, para poderem sustentar as suas famílias. É uma responsabilidade que foi transferida para o consórcio, e, na realidade, o regulamento que foi passado para o consórcio não foi seguido. Prometeram mundos e fundos dentro da feira. A situação do contrato, que é falado, é um contrato que só beneficiou o consórcio até agora, porque se a gente está aqui, é porque a gente não está contente com essa administração. Então, falo do nosso problema hoje aqui. Eu acho que nós não íamos sair das nossas casas, para poder vir aqui e reivindicar uma coisa que estivesse correta. (Palmas)

Quanto ao consórcio, nós não aceitamos mais essa administração, porque é uma administração que está corrompida, está corrompida. (Palmas) Falo também da própria diretoria do consórcio. Não é nenhum trabalhador que está lá dentro. O trabalhador que está lá dentro está simplesmente defendendo o seu espaço de trabalho. Agora o consórcio implantou um sistema de má gestão na feira. Então, a culpa de tudo isso que está acontecendo é o consórcio. Eu acho que nós estamos aqui lutando pelo nosso direito. É um corpo só.

Eu agradeço a palavra e aí fica a mensagem para todos os senhores. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Tem a palavra o Sr. Francisco Rodrigues da Graça, pela Feira da Madrugada.

O SR. FRANCISCO RODRIGUES DA GRAÇA – Primeiramente eu queria parabenizar todos os comerciantes que vieram lutar pelos seus direitos de trabalhar no seu *box*.

Srs. Vereadores, hoje aqui, nesta Casa, não vou falar de denúncia desse consórcio, mesmo porque essas denúncias estão em documentos, e esses documentos vão chegar a cada um dos senhores.

Hoje eu vou falar de um sentimento que todos nós que trabalham naquele espaço sentem, um sentimento de revolta, de descaso que esse grupo de empresários vêm fazendo, massacrando o trabalhador, onde foi feita uma nova feira por todos nós, juntamente com a Prefeitura, sem nem um pouco de sensibilidade. O Sr. Prefeito Fernando Haddad entregou a um consórcio, para explorar e extorquir o trabalhador que tem *box*, sem que não investissem nenhum centavo naquele espaço. Tínhamos sonhos de poder dar uma vida melhor para os nossos filhos e famílias. Hoje vejo meus planos e de cada um que aqui está destruídos, sem dó e sem piedade, por esses empresários. Queremos justiça, queremos uma CPI, para que sejam investigadas todas as irregularidades na feira, e também a quebra deste contrato. Queremos também ser recebidos pelo Sr. Prefeito João Doria, que, até hoje, não quis ouvir o trabalhador, mas já se sabe que S.Exa. já se assentou com esse grupo de empresários. Eu clamo por justiça e todos esses trabalhadores que aqui estão também clamam por justiça. Não podemos ter entrado naquele espaço, com sonhos, e hoje temos que sair de lá com dívidas altíssimas e sem espaço para trabalhar. Onde vamos trabalhar? Na rua? Apanhando de novo da Polícia? Há cerca de um ano, eu saía para trabalhar feliz. Hoje eu e quase todos esses que aqui estão saem para trabalhar naquele espaço com um sentimento de tristeza e depressão, preocupados com as dívidas que impuseram sobre todos nós.

Peço a V.Exas. que revejam esse decreto e anulem essa licitação. Ontem mesmo colocaram placas na entrada da feira e distribuíram panfletos, fazendo pressão e pregando terror, para que os trabalhadores paguem suas dívidas parceladas, até em dez vezes no cartão de crédito, como se nós ainda tivéssemos crédito, com seus nomes todos protestados no Serasa. (Palmas)

Então, estão tirando onda das nossas caras. Muitos de nós, às vezes, saem até sem dinheiro da condução, por não venderem nada. Simplesmente conseguiram acabar com a nossa feira. Não têm gestão e estamos afundados e com dívidas altas com esses consórcios. Acham que, com seu dinheiro, podem comprar tudo, mas eu sei que a minha dignidade não

comprarão. E a dignidade dos senhores que aqui estão não vai ser comprada. Peço justiça a V.Exas. e atentam pelo clamor de todos nós.

Obrigado a todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Tem a palavra o Sr. Ailton Vicente de Oliveira, da Feira da Madrugada.

O SR. AILTON VICENTE DE OLIVEIRA – Sr. Presidente, em seu nome, cumprimento toda a Mesa, os trabalhadores da Feira da Madrugada e meus amigos. A Feira da Madrugada, senhores do consórcio, não nasceu somente em 2005. Ela nasce em 2004, ela nasce em 2004 quando os comerciantes estavam sendo expulsos da 25 de Março, por uma sentença da Justiça, quando onze comerciantes, na época da ex-Prefeita Marta Suplicy, tinham que cumprir uma determinação judicial e me procuraram. Eu não sabia como nós íamos ajudá-los, e assim fizemos: Levamos para um terreno que estava abandonado, um terreno que era mato, e lá há fotografias que eu deixei e lá estão estampadas numa das lanchonetes. Eu não sabia nem o que era ambulante, mas me propus a ajudá-los, e ajudei. No dia 9 de agosto de 2005, já no Governo Serra, nós inauguramos a Feira da Madrugada. Eram banquinhas. Arrancamos o mato e lançamos somente asfalto e pintamos o chão. Estão lá ainda aquelas marcas, e colocaram bancas. Não havia ar condicionado, mas eles, guerreiros, colocaram suas mercadorias e, no final do dia, levavam o sustento para casa. (Palmas)

E hoje, e hoje a minha esposa, a minha esposa solicitou a mudança do nosso comércio. Está aqui. Solicitou porque nós temos uma lanchonete, a primeira lanchonete. Eu fiz e construí, porque eu acreditava na feira contra todos que não acreditavam naquela ocasião, a primeira lanchonete. Eu estou trocando o ramo, porque nem alimento eu consigo vender. Os senhores imaginem as pessoas que lá estão. (Palmas)

É isso. Nós queremos a Feira de Madrugada de volta, aquela feira que foi o cartão de visita do Brás. (Palmas) Aquela feira que fez com que o Brás crescesse, que fez com que os grandes empresários atravessassem o rio e não ficassem somente do lado da 25. O Vereador

Souza Santos sabe, em 2013, que eu era assessor do Sr. Laércio Benko Lopes, do qual o Sr. Rodrigo faz parte, do partido do PHS. Houve uma determinação da Justiça novamente, para reformar a feira. Foram lá e demoliram a feira. (Palmas) Não sabiam como tirar o entulho da feira. Nós fizemos uma reunião aqui em baixo, no plenário. Chamaram-me de volta, e nós fomos para dentro da feira, juntamente com os Srs. Alex, Luciano e Daniel e com todos os senhores. Retiramos o entulho da feira e reconstruímos a feira. E agora nós vemos a feira ser acabada de novo.

O que nós pedimos a V.Exa., Sr. Presidente, e a todos é que reconsiderem, porque o que o comerciante quer é trabalhar com dignidade. Quando eu fiz a feira, eu fiz e quem tocou a feira foi uma empresa. Quem ganhou dinheiro foi uma empresa do Rio de Janeiro, mas quem fez o projeto, quem criou o projeto, quem idealizou o projeto fui eu. Quem implantou fui eu, ninguém mais, quando ninguém acreditava. (Palmas) Mas eu fiz para eles. Não pedi um centavo para nenhum deles, nenhum deles, contra quanto a alguns, que falam besteira, mas olho nos olhos de cada um deles, cada um deles. É isso que eu peço a V.Exas.: “Repensem, analisem”. É isso que eu peço a V.Exas. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Tem a palavra o Sr. Giuseppe, pelo consórcio.

O SR. GIUSEPPE GIAMUNDO NETO – Boa tarde a todos. Gostaria primeiramente de cumprimentar o Sr. Presidente, Vereador Souza Santos, pela oportunidade, assim como o Vereador Eduardo Matarazzo Suplicy. De fato, a audiência pública é uma grande oportunidade para esclarecimentos. Enfim, existe muita desinformação em relação ao que é essa concessão, o que vai ser executado e quais são as obrigações da concessionária; e eu gostaria, de alguma forma, de contribuir com esse debate, com essas informações e com esses esclarecimentos principalmente, para que todos tenham a mesma informação e saibam enfim quais são as regras dessa concessão e quais serão os benefícios para os comerciantes, assim que as obras forem concluídas.

Enfim, é essa ideia que eu pretendo discorrer agora nos próximos minutos. Em primeiro lugar, essa concessão foi primeiramente objeto de um edital de licitação, que foi divulgado em 2014. Esse edital de licitação foi publicado, foi publicizado. Então, o Tribunal de Contas do Município, em função de questionamentos que surgiram, na época, fez algumas determinações de ajustes, de correções no edital e na minuta do contrato, a fim de que pudessem atender, da melhor maneira, ao interesse público. Assim foi feito por parte da Prefeitura, isso ainda no final de 2014, no início de 2015, e a Prefeitura então lançou uma nova licitação, um novo edital, com as regras que foram balizadas pelo Tribunal de Contas do município, que é composto, como é importante aqui registrar, por auditores sérios, por pessoas técnicas, que fizeram essa avaliação de maneira bastante imparcial e isonômica, objetivando, única e exclusivamente, o atendimento do interesse público.

Assim que foi divulgado esse edital de licitação, ocorreu a concorrência, ocorreu a licitação. Houve, quando da realização da licitação, questionamentos também junto ao Judiciário. Esses questionamentos foram rechaçados pelo Tribunal Regional Federal, em decisão de segunda instância, ou seja, todas as supostas irregularidades que foram levantadas, na época, foram rechaçadas pelo Judiciário, que validou todas as regras que foram divulgadas pela Prefeitura. Assim como o Judiciário validou, também o Ministério Público Estadual teve conhecimento e avaliou todas as regras do edital e do contrato de concessão, opinando também pela regularidade, e, no âmbito da própria Prefeitura Municipal, que tem um corpo jurídico, tem a Procuradoria Geral do Município, também foi validado tudo isso. Essa validação, é importante dizer, não ocorreu de maneira simples, de maneira rápida.

Enfim, ela decorreu de muito debate, de muitas discussões, sempre buscando preservar o interesse dos comerciantes. E qual foi à linha, qual foi à regra básica que a Prefeitura adotou para fins dessa concessão? A regra foi a seguinte: fez uma linha de corte em relação a todos os comerciantes que estavam lá, dos comerciantes que eram permissionários, ou seja, os que tinham TPU junto à municipalidade. E pela TPU esses comerciantes eram

obrigados a pagar um preço, uma tarifa, um valor mensal para Prefeitura em função da utilização do espaço que tinham naquela área, que é uma área pública. O que fez a Prefeitura para preservar o interesse desses comerciantes e não prejudicá-los tendo em vista que poderiam surgir comerciantes novos, que não estavam lá há muitos anos, que seriam beneficiados em detrimento daqueles que lá estavam, há muito tempo? O que fez a Prefeitura? Fez uma linha de corte quando da realização da licitação para que nessa linha de corte houvesse uma lista de comerciantes, e quem fez parte dessa lista? Fez parte todos àqueles que eram permissionários, ou seja, com TPU, que eram comerciantes efetivamente da Feira e que também estavam adimplentes com a Prefeitura. A partir daí, a Prefeitura relacionou 2.373 comerciantes. Esses comerciantes fizeram parte de um anexo do edital da licitação. E qual é a regra básica dessa licitação? Em relação a esses comerciantes não pode haver qualquer mudança em relação a preço, em relação às condições que eles vinham exercendo na Feira. Então é regra do edital, é regra do contrato e a concessionária deve obedecer, e ela vai obedecer, está obedecendo manter o mesmo valor de aluguel, de locação que esses comerciantes pagavam. São 2.373 comerciantes. Não foi o consórcio, não foi à concessionária que, enfim, aleatoriamente identificou esses 2.373. Foi a Prefeitura, com base em critério racional, lógico, que foi justamente estar adimplente e principalmente ter o TPU - Termo de Permissão de Uso. Foi esse o critério para esses 2.373 comerciantes.

E o que é esse contrato de concessão? Esse contrato de concessão objetiva transformar a Feira da Madrugada em algo, revitalizar aquele espaço dando melhores condições para todos, especialmente para os comerciantes. Essa revitalização vai envolver - como o Maurício adiantou - além da construção de infraestrutura, que é um shopping extremamente moderno, vai também dar oportunidade, enfim, de estacionamento para todos os que visitam ou fazem compras na Feira, ou seja, permitindo, viabilizando que aumente o fluxo de compradores, de clientes e dos comerciantes. Vai haver terminal de ônibus, vai haver centro de apoio, vai haver hotel, vai haver salas comerciais, área de descanso para motoristas,

dentre outras melhorias para os comerciantes. Esse é o objetivo que a Prefeitura, não foi o Consórcio que estabeleceu todas essas melhorias e benfeitorias. A Prefeitura que entendeu por bem que a melhor maneira de solucionar, de resolver, de aprimorar a situação que lá existia seria estabelecer todas essas condições. Foi a Prefeitura que estabeleceu esse processo.

E o processo de licitação, no qual todo e qualquer empresa poderia participar, desde que cumpridos os requisitos do edital, foi estabelecido pela Prefeitura. O consórcio que se sagrou vencedor, a concessionária que eu defendo...

- Manifestação dos presentes.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Peraí pessoal, ele vai concluir.

- Manifestação dos presentes.

O SR. GIUSEPPE GIAMUNDO NETO - Para concluir, o que quero dizer é que é total interesse da concessionária atender os comerciantes, que são peça vital para que a concessão funcione. Eles são a peça vital. É óbvio, sempre há interesses outros por trás de determinados comerciantes, que aqui não vem ao caso, que a gente vê. Mas o fato é que para todos que estiverem regulares com os compromissos assumidos no edital e no contrato de concessão, será o mesmo preço pago antes dessa licitação, o mesmo valor, que é R\$ 954,00, atualizado é esse o valor.

- Manifestação dos presentes.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Vamos respeitar, ele está concluindo.

- Manifestação dos presentes.

O SR. GIUSEPPE GIAMUNDO NETO - Eu respeitei quando todos falaram, vocês tem que me respeitar. É só para eu concluir, por favor.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Por favor, gente!

O SR. GIUSEPPE GIAMUNDO NETO - Enfim, a intenção nossa é atender aos comerciantes com seriedade, com transparência. Do sorteio, mais pra frente à gente pode falar

pormenorizadamente sobre o sorteio para a realocação, sobre os critérios de como vai dar. Mas a intenção é que seja algo isonômico, transparente, que atenda a todos, todos que estejam adimplentes, com as obrigações de acordo com o contrato de concessão estabelecido pela Prefeitura.

Era isso. Na sequência posso complementar com mais informações.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – O próximo é Luciano Fernandes; em seguida, Alessandra Moreira; e Nicodemos Miguel. Por favor, se posicionem para que possam falar, tá bom?

Pessoal, antes do Luciano, deixe-me informar a vocês que é uma audiência pública, se for preciso faremos outras audiências, respostas vocês terão. Não estamos brincando, temos responsabilidade. (Palmas) Quero que entendam bem porque o Consórcio se colocou à disposição para dar explicações. Esta é a primeira de uma série de outras audiências que nós faremos. Ao final, queremos resolver a questão. Vocês não podem ficar sem uma solução.

- Manifestação dos presentes.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Luciano, a palavra por três minutos, por favor.

O SR. LUCIANO FERNANDES – Boa tarde, boa tarde Presidente da Mesa, a todos da Mesa: Rodrigo e Suplicy.

Eu gostaria de estar falando aqui, o nosso amigo aí falou que é 910 reais, e aqui o boleto marca 1.250,00. Estou com três boletos de um amigo nosso, de um parceiro, de um trabalhador, os três boletos estão pagos e ele recebeu a ordem de saída, para ele sair do *box*. O consórcio notificou para que saísse no prazo de 30 dias do *box*. Estão aqui os boletos pagos, se quiserem ver... Eu gostaria que vocês respondessem sobre esse caso.

Outra coisa, vocês implantaram lá uma associação e até hoje não fizeram nenhuma assembleia. O presidente? A gente não sabe nem quem é o presidente dessa associação. Se

você não assinasse o contrato, se você não assinasse a associação, você não pegava o contrato. Inclusive, eu não assinei.

Para se implantar uma associação lá, hoje, precisa ter assembleia com os comerciantes, não é implantar goela abaixo, não! Vocês têm que fazer uma assembleia, e lá vai exigir porque pra resolver os problemas da Feira tem que ser na assembleia. Antes nós *resolvia* com assembleia com os comerciantes. E não é enfiar goela abaixo! Você tem que fazer isso. Então acho que, a partir de hoje, o consórcio tem que receber os comerciantes, decidir tudo em assembleia, e não goela abaixo. Então o que não temos lá é comunicação. Eles implantam as coisas...

Quando o consórcio foi lá pra assumir a Feira, a Feira ficou fechada dez dias. Quando a gente chegou, o nosso *box* estava derrubado, estava no chão, todo quebrado os nossos armários. Ficamos dois meses parado e pagamos, não ficamos sem pagar. Depois derrubaram de novo, ficamos mais dois meses parado, mas pagamos, certo? Agora não vem dizer, ah teve uma construção, teve uma construção para a gente, lá na frente, porque os nossos 25 *boxes* foram derrubados pelo Consórcio. Nós mandamos para Ouvidoria do Consórcio e não obtivemos resposta. A Ouvidoria, não sei, dizem que é de fachada, que não funciona. A gente manda documentos para a Ouvidoria e não obtém resposta.

Então eu acho assim, a partir de hoje, pegar os senhores gestores e fazer assembleia com os comerciantes e decidir em assembleia, não enfiar as coisas goela abaixo, não.

O comerciante está lá para ser respeitado porque a gente está na rua desde 1974, Presidente. Desde 74 na Praça da Sé, nós *fomo varrido* pra o Brás, para o Largo da Concórdia, não sei se tá lembrado. O senhor se lembra do caso, a gente foi jogado para o Largo da Concórdia e não foi porque a gente quis. A gestão limpou a rua, jogou toda gente para o Largo da Concórdia. O senhor se lembra disso. Então fomos para Rua Oriente, saímos da 25. Nós sofremos, é uma vida sofrida. Estou com 54 anos, o que eu vou esperar? Vou voltar para a rua

trabalhar no paraquedas? Porque dependendo do preço que eles *estipula...*

Acho que vocês tem que esclarecer melhor o comerciante. Tá faltando esclarecimento ao cliente.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Obrigado, Luciano.

- Palmas.

O SR. RODRIGO GOMES – Aproveitando que o Luciano está presente, para confirmar, em nome da Associação que você acabou de falar, chama-se Associação do Condomínio da Nova Feira da Madrugada, só pra confirmar, pra que fique em ata. O nome da empresa é: Associação do Condomínio da Nova Feira da Madrugada.

Muito obrigado.

- Manifestação dos presentes.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – A próxima é Alessandra Moreira.

A SRA. ALESSANDRA MOREIRA – Boa tarde a todos. Meu pai acabou de falar e eu faço das palavras dele as minhas, mas eu também gostaria de dizer o seguinte: a essência da Feira é ser popular.

O Sr. Maurício falou de ar-condicionado, não precisa, obrigada.

Nós estamos lá há 12 anos, como Dr. Ailton bem descreveu, enfim, hoje a Feira é o maior projeto socioeconômico da América Latina. Na gestão Kassab, quando ele propôs o projeto Circuito de Compras, o Brás tinha outro cenário, não era o cenário de hoje. O Brás hoje tem 18 grandes shoppings e muitos shoppings estão vazios. E o trabalhador não quer shopping, a essência da Feira é ser do jeito que ela é, popular. (Palmas) A gente não quer ar-condicionado.

O cartão postal do Brás é a Feira. O que atraiu as pessoas comprarem na Feira é ser popular, é ter preço, ser da forma como é. Nós não precisamos de shopping com não sei quantos mil ônibus, ar-condicionado, banheiro.

A gestão Haddad gastou aquele valor que o Rodrigo bem mencionou, 27 milhões

pra reformar a Feira, e hoje ela está sendo destruída. O que a Feira precisa é de revitalização, é continuar do jeito que ela é. Nós não queremos shopping. (Palmas)

Outra coisa, a proposta deles é que a gente seja transferido para o Amarelão. Ninguém perguntou se a gente quer ir. Lá não é bom, gente, é totalmente fora da rota de compras. O que o consórcio faz hoje com trabalhador é imposição, o que eles acham que é certo, ele impõem e querem que a gente cumpra.

Presidente, o nosso apelo nesta audiência é que a nossa voz seja ouvida. Nós não precisamos de shopping.

Faço uma pergunta a Mesa, um pedido, gostaria que fosse investigado. Será que existiu algum estudo de impacto desse shopping? Será que vai ser bom para o lojista, que está lá fora há 30 anos, com a sua lojinha, trabalhando? Será que pra ele vai ser bom? Será que esse shopping não vai ser uma esponja, que vai sugar tudo pra ele? E o principal: a agente não quer shopping. O que eu quero que os senhores entendam é que a essência da Feira é ser popular, ser do jeito que é. A gente não precisa de ar-condicionado, a gente não precisa de não sei quantos mil carros, o que a gente precisa é ser respeitado! Um trabalhador que está lá há 12 anos quer respeito!

- Palmas.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Tem a palavra Nicodemos Miguel e em seguida Patrício da Silva e Alex Cabral.

O SR. NICODEMOS MIGUEL - Boa tarde pra todos. O doutor falou que se preocupa, que o consórcio se preocupa muito com os comerciantes da Feira da Madrugada. Não é verdade! Quando o consórcio entrou lá, ele entrou com viatura do DHPP, até em comerciante bateu. Isso é preocupação com os comerciantes da Feira? Não é verdade!

O que ouvi aqui dos dois *doutor*, eles estão completamente desinformados. Um fala um valor, o outro fala outro valor. Nós estamos ali diante de consórcio aonde os documentos, eu duvido que vocês falaram com o Ministério Público, com a Câmara, com o

Tribunal de Contas. Eu duvido que esses documentos da licitação *passou* por esses órgãos. Porque são todos assim... Antes de haver a licitação, já está vendendo *box* na Feira da Madrugada.

Eu vou fazer uma pergunta para os senhores. Se a minha empresa tivesse condenada a pagar indenização ao Governo Federal, mais de um milhão de reais, a minha empresa tivesse suja, eu passaria na licitação? Não passaria! (Palmas) Esse é o caso de vocês. Estão lá condenados, em Manaus, a pagar indenização e o outro está lá na Lava Jato, em Curitiba. (Palmas)

Outra coisa errada: dentro do documento colocaram um documento pra gente assinar, o contrato do *box*, a gente assinar. E ser obrigado, e um segurança perto, armado, com revólver na cintura, particular, pra nós assinar. Quem concordou assinar tá pagando, recebeu o contrato; que não assinou, não recebeu o contrato. Nós descobrimos que essa associação é em nome do Fernando, sujo na Lava Jato, e da Dra. Daniele. (Palmas) Quando descobrimos, sabe o que eles fizeram? Foram na Junta Comercial, na Receita Federal e usaram esses dois *laranjas* aqui, ó! (Palmas) Esses dois aqui, era para sair preso daqui, hoje! Usaram esses dois *laranjas*, passaram para o nome!!! (Palmas)

- Manifestação dos presentes.

O SR. GIUSUPPE GIAMONDO NETO – Isso é contra a honra, é crime! Isso é calúnia!

O SR. NICODEMOS MIGUEL – Não é calúnia, não é calúnia.

- Manifestação dos presentes.

O SR. BRUNO GUEDES – Excelência, se for para ser agredido dessa maneira, a gente vai se retirar... A gente foi convidado, a gente vai se retirar!

- Manifestação dos presentes.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Gente, vou pedir a vocês, por favor...

O SR. NICODEMOS MIGUEL – Hoje o Condomínio está em nome desses dois

aqui, está nos documentos. Agora, pergunta qual dos lojistas aqui assinou essa solicitação da Feira da Madrugada? A gente não sabia! Aquele que conseguiu ler, descobriu, não assinou. E aqueles que leram o que estava lá, meteram a caneta, assinou e não sabia, não chegou a ler. Porque a Dra. Daniele forçava nós a não ler o que estava no documento, insistindo que não tinha tempo suficiente pra isso.

Eu agradeço a atenção de todos vocês, espero que aqui desta Casa saia uma resposta satisfatória pra cada um, pra cada trabalhador. Nós não precisamos da elite!

- Palmas.

- Manifestação dos presentes.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Deixe-me passar a palavra...

- Manifestação dos presentes.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Calma, gente. Não estamos no Corinthians e Palmeiras não! Vamos ser campeão no domingo.

Eles se sentiram ofendidos, e eu queria que vocês respeitosamente ouvissem, por favor.

O SR. BRUNO GUEDES – Só pra gente deixar claro, houve muita gente falando que o consórcio está envolvido na Lava Jato, é importante esclarecer pra todo mundo, o consórcio foi montado, hoje não existe mais consórcio.

- Manifestação dos presentes.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Peraí, gente. Eu peço encarecidamente, se não conseguirmos ouvir, pessoal, é difícil, desse jeito não chegamos a lugar nenhum. Vamos ouvir o rapaz! Por favor, doutor.

O SR. BRUNO GUEDES – Hoje não existe mais consórcio. Foi criado um consórcio até você ter a concessão, o projeto da concessão. A partir do projeto concessão foi montada uma SPE, uma empresa que assinou contrato com a Prefeitura. Dentro dessa empresa há diversas pessoas que lá trabalham. Dentre as pessoas que trabalhavam nela, uma das

peessoas chamava Fernando Maltoni, que era um dos executivos da companhia. Esse executivo da companhia trabalhou numa empresa que se chama Odebrecht. A gente o contratou, e ele já tinha saído dessa empresa, ele entrou na companhia depois, muito depois de a gente ter conquistado a concessão. E quando veio à tona a informação de uma das delações da Lava Jato que aparecia o nome dele, ele foi automaticamente desligado da companhia.

Então, nenhuma das empresas, nenhum dos investidores tem nenhuma ou qualquer ligação com Lava Jato, com qualquer esquema errado. E essa pessoa que trabalhou, ela tinha sido executivo de outra companhia, e nessa companhia ele foi apontado como parte de alguma coisa que a gente não tem nenhuma condição de dizer se é certo o se é errado, se ele é culpado ou se não é; a gente não está aqui para julgar. Mas, naquele momento, a gente resolveu desligar esse executivo por conta de ter saído em uma mídia negativamente.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Registro também a presença do Vereador Camilo Cristófar, a quem eu passo a palavra para dar sua contribuição.

O SR. CAMILO CRISTÓFARO – Boa tarde a todos. Eu tive o orgulho e a honra de, em 2013, ser o primeiro a ir ao Prefeito Fernando Haddad, que nos recebeu com muita gentileza, muito carinho. Levamos a ele uma solução para a Feira da Madrugada. O Prefeito nos recebeu, recebeu inclusive os projetos nos quais seriam beneficiados, na época, os 2.863; não me lembro agora, mas os que estavam lá até aquela data. O projeto estava maravilhoso, quando o Secretário à época, Eliseu Gabriel, acabou deixando a Secretaria em 2014 e, infelizmente, as coisas mudaram um pouco de rumo.

Quero dizer a vocês o seguinte: estamos passando dois, três anos da licitação, e as coisas só pioraram.

- Manifestações e aplausos no recinto

O SR. CAMILO CRISTÓFARO – Vocês tenham certeza: eu falo aqui perante um Senador da República, que durante 24 anos foi Senador representando este Estado, um homem de moral inatacável...

- Aplausos no recinto.

O SR. CAMILO CRISTÓFARO – Porque a gente pode ter, como nós conversamos outro dia, nossas divergências, mas o respeito é mútuo, porque ele é um home de caráter inatacável. E fui diretor da Prodam no governo Marta Suplicy. Posso dizer a vocês: foi um dos melhores governos de que participei na minha vida. Foi um governo democrático, sério, durante os qual as coisas entraram nos eixos. Só que ela pegou uma Prefeitura à época destruída pelo Sr. Celso Pitta – que eu não sei se Deus o tem. Mas ela pegou uma Prefeitura destruída e fez o que fez em São Paulo. Posso dizer porque não sou petista, então tenho autoridade moral para falar isso. Fui diretor da Prodam no governo Marta.

Essa empresa que ganhou o consórcio não tem a minha simpatia.

- Aplausos no recinto.

O SR. CAMILO CRISTÓFARO – Desculpem a modéstia: banqueiro já é ruim, mas ex-banqueiro é pior ainda.

- Aplausos no recinto.

O SR. CAMILO CRISTÓFARO – Então, o que eu puder fazer por São Paulo,... Que a Feira da Madrugada seja um lugar digno para se viver e conviver; um lugar decente, organizado, bonito. Porque estamos ao lado de uma pessoa, o Senador Suplicy, que é Matarazzo. A família Matarazzo está nesta cidade há quase dois séculos. É isso, Senador?

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY – Meu bisavô veio em 1872. Primeiro foi à Sorocaba, depois veio para cá.

O SR. CAMILO CRISTÓFARO – Vamos lá: dos séculos. Então, eu acredito que o Senador Suplicy, a família Matarazzo tenha amor a esta cidade. E eu, que nasci no bairro do Ipiranga, fui criado no Museu do Ipiranga, tenho amor, paixão, doença por esta cidade. Perguntam-me: “Você é candidato a deputado?”. Eu sou candidato a Vereador de São Paulo porque tenho paixão por esta cidade, seja a Ponte dos Remédios, seja a Vila Nova Conceição, seja a Brasilândia, seja a Capela do Socorro. Eu estou ao lado de São Paulo. Sou uma pessoa

independente, não tenho um cargo no governo. Admiro o Prefeito Doria, gosto do Prefeito Doria, mas ele sabe que eu sou uma pessoa independente. O meu mentor, o meu professor chama-se Jânio da Silva Quadros. Então, é a ele que sigo. (Palmas) Abraço a vocês, e contem comigo.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Muito bem. Esse é o Camilo Cristóforo.

Dr. Fábio Gomes Mesquita, advogado da Feira da Madrugada está presente? Gostaria que ele fizesse parte da Mesa. (Pausa)

Tem a palavra o Sr. Patrício da Silva. Em seguida, Alex Cabral.

O SR. PATRÍCIO DA SILVA – Boa tarde a todos, boa tarde aos Srs. Vereadores. Gostaria de agradecer também por esta oportunidade. Na verdade, o senhor, representante do consórcio, ao fundo, acabou de falar que afastou o Fernando Maltoni, do consórcio, porque ele estava envolvido na Lava Jato. Ele continua na associação, fazendo parte da associação de vocês. Ele é o Presidente da associação de vocês. Então, isso não é verdade.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Talvez o senhor esteja com os documentos antigos.

O SR. PATRÍCIO DA SILVA – Estão aqui na mão os documentos.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Antigos.

O SR. PATRÍCIO DA SILVA – Estão aqui. Eu tenho o contrato, que inclusive, fui obrigado a assinar sem saber o que continha. E esse contrato assinado está me gerando uma dívida, e ninguém mais consegue pagar essa dívida. Daqui a pouco, vou ter os bens confiscados por vocês, pelo consórcio, pela associação. Não se consegue mais pagar isso. (Palmas)

Vocês do consórcio, ou estão de brincadeira com a gente, ou realmente não sabem o que acontece na Feira da Madrugada. Vocês não sabem que o trabalhador vai para a casa, deixa o box montado; no dia seguinte, quando ele chega, está na solda, não consegue entrar para trabalhar. Quando ele quebra a solda escondido dos homens armados, que estão

trabalhando, no dia seguinte eles arrancam as portas dos trabalhadores para não abrirem mais os boxes. (Palmas) Essa é a verdadeira história que está acontecendo na Feira na Madrugada.

Os senhores dizem que vamos para um shopping bonito, que vamos ter ar condicionado, que lá a coisa vai ser boa para o comerciante. Ilusão, vocês estão pregando ilusão para os trabalhadores. Vocês negativaram o nome dos trabalhadores, e aquele que está negativado não vai nem para o Amarelão – para onde ninguém quer ir. Vocês não deixam ir! (Palmas) Até o dia 10, vocês implantaram como data limite para pagar. Quem pagar, vai para o Amarelão; quem não pagar, não vai ter box lá. Imaginem então o shopping bonito que vocês oferecem para nós, que nós não queremos! Nós não queremos o shopping! Ou vocês estão de brincadeira ou não sabem o que realmente está acontecendo na Feira na Madrugada.

O que me preocupa é esse consórcio, esse contrato que assinamos sem tempo para ler. Assinava e corria para o box; e não havia mais como ler esse contrato e voltar atrás. E havia um papel dentro, e ninguém nos explicava o que era: era uma associação, e o Massad vinha tomar conta dessa feira com o mesmo Fernando Maltoni sendo o Presidente dela.

Nós queremos a CPI. Existe um decreto e uma decisão judicial que diz que, realmente, os trabalhadores voltam para o seu lugar de origem. Meus boxes, principalmente, ficavam naquele corredor que era rota de fuga. Tiraram-me de lá, me colocaram no pior corredor da Feira na Madrugada, que inclusive alaga. Ninguém falou que a Feira alaga toda vez que chove. Ninguém quer saber, querem só saber da dívida, de receber.

Fui reivindicar meus boxes junto ao Sr. Fernando, ao Carmelo que aqui está; negaram-me os boxes, venderam caro. A decisão judicial diz: “Volta para o seu lugar de origem”. Isso é decisão judicial de 2002, da 3ª Vara Federal. E o decreto diz também que devo voltar ao meu lugar de origem. Negaram-me e venderam caro os boxes. Eu continuo dentro da água.

Concluindo: o consórcio quer apenas o terreno. Querem tirar a Feira do trabalhador e vender para o rico! Nós não interessamos para eles, essa é a verdade. Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Tem a palavra, mais uma vez, Rodrigo Gomes.

O SR. RODRIGO GOMES – Peço perdão pela quebra da audiência pública. Vou precisar me ausentar por diversos outros motivos, mas agradeço imensamente o convite. Muito obrigado. Gente, agradeço imensamente o carinho que vocês Vereadores têm por esta pessoa. E a vocês que estão presentes, também muito obrigado. Tenho certeza de que esta audiência pública abriu os olhos do Governo para que ele possa tomar a melhor decisão possível para vocês trabalhadores. Eu me ausentarei, mas não deixarei a situação aberta, porque isso vira ata, vai para o *Diário Oficial*. Vou acompanhar e estarei presente na Feira na Madrugada. Estarei com vocês até o fim. Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Obrigado pela contribuição. Pessoal, só um esclarecimento. Repito, e desculpem voltar a esse assunto: essa aqui é coisa séria. Disso depende a vida de vocês. Repito: não estamos brincando, não estamos levando ninguém na brincadeira. Isso aqui vai para a ata, para o *Diário Oficial*. O Prefeito tomará conhecimento, assim como as autoridades. O foro adequado para essa discussão é este, a Câmara Municipal de São Paulo. Então, vocês estão diante de quem pode decidir e resolver essas questões. (Palmas)

O Camilo quer dar uma palavrinha? (Pausa) Tem a palavra.

O SR. CAMILO CRISTÓFARO – Estou de saída também, mas quero dizer uma coisa. Tudo nesta Comissão de Política Urbana é muito orquestrado, muito combinado para que ninguém saia do tom. Temos aqui o Senador, representando o PT; temos o PRB, o PSB, o PTB. Tudo nesta Comissão é muito conversado, muito debatido. Não estamos olhando se se trata do lado do rico ou do pobre; vemos o lado de São Paulo. Protocolaremos na terça-feira a CPI da Feira na Madrugada. (Palmas)

Vejam bem: estou falando isso porque estamos conversando muito com o Senador Suplicy, que é uma pessoa extremamente equilibrada e com “pouca” experiência de Senado e

de Congresso. O que nós temos de vida ele tem de experiência de Senado e de Câmara Federal. Vamos conversar sobre isso, mas terça-feira submeteremos ao Plenário a votação da CPI, que irá investigar exatamente tudo o que acontece de errado - não contra Haddad ou contra Kassab. Nós não estamos aqui olhando a cor partidária, pois, como eu disse, sou independente. O PSB hoje apoia o governo independentemente, tanto é que votou contra a reforma da previdência em Brasília. Corta-se a cabeça de um, a cabeça de outro, mas o PSB tem independência. Para vocês entenderem, será uma CPI isenta, séria, que terá dentro dela várias agremiações políticas; ou seja, todos serão representados.

Minha posição, todos vocês já sabem. Se eu tiver a honra de ser convidado a participar dessa CPI, estarei lá. Sou um dos autores dessa CPI. O Adilson Amadeu, nosso Vereador Adilson Amadeu é o autor; eu sou coautor com o Souza Santos. Queria muito que o Senador Suplicy fosse coautor, porque ele é uma pessoa que confere muita credibilidade e seriedade a isso. Mas o Senador pede um tempo para pensar, tem seu motivo, e sei que, no fim, ele estará com todos nós. Ou com os empresários, ou com vocês: eu digo “todos nós”. Não há aqui diferença de classe, de partido etc. Vamos fazer com que a Feira desta vez saia, porque ninguém aguenta mais.

Outra coisa, Senador, que é muito importante: o Prefeito Fernando Haddad falou para mim em março de 2013: “Camilo, tenho muita preocupação de a Feira perder seu valor de ponto”. Porque, com esse negócio de vai e volta, a Feira está perdendo muito de sua razão, de sua força. A essência dela. (Palmas) Tanto é que a Feira era imbatível. Aí, eu disse ao Prefeito Doria no dia 1º de maio: “Prefeito, a Feira está em um dos lugares mais valorizados de São Paulo, na área do Brás, Vinte e Cinco de Março, Rua Oriente, do Pari, do Centro; temos sim quer dar um jeito na Feira da Madrugada”. De um lado ou de outro, temos que decidir. Ou agrade a alguém ou desagrada a alguém, temos que resolver. Não podemos mais ficar com esse empurra empurra. Eu não sou do PSDB, não fico no muro, eu tenho lado. Um abraço a vocês. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Obrigado, Camilo. Sr. Alex Cabral. Em seguida, Sr. Clóvis Roque Xavier e Sra. Luciene Maria da Silva.

O SR. ALEX OMAR CABRAL – Boa tarde, Srs. Vereadores; boa tarde à Mesa e a todos os presentes. Desde já, quero fazer um convite a esta Comissão de Vereadores para que visitem a Feira e vejam as irregularidades. Dirigindo-me ao senhor, digo que aqui não há 4 mil trabalhadores porque 3,8 mil acorda às 2 horas da manhã, vão para a Feira trabalhar e depois vão comprar tecido e produzir. Nós vivemos 2 horas por dia! (Palmas) Por isso é que não há todos os trabalhadores aqui. Aqui há uma minoria representando todos. Para que essa minoria representa? Para que nós busquemos nosso direito de trabalhar, pois estamos sendo excluídos por um consórcio, um grupo de empresários que ganharam a licitação.

Sr. Vereador Presidente, se o senhor tem uma casa de 150 metros quadrados, o senhor para o IPTU dela. Fazer abertura para isentar do IPTU uma área de 163 mil metros quadrados está dando um enorme prejuízo para a cidade de São Paulo. Talvez aqui chegue à situação do Rio de Janeiro, onde os cofres públicos não terão como pagar os próprios funcionários e os Vereadores. E por quê? Porque nesta cidade vemos que um cara que responde a processo na Lava Jato; a mesma empresa tira ele da Lava jato e põe outro. Isso é fácil de fazer. É muito fácil eu ter uma empresa e desviar; depois, eu saio fora e ponho outro. Eu acho que isso está errado e tem de ser aberta, sim, a CPI e anular esse consórcio imediatamente. Está errado! (Palmas)

É para isso que nós vimos nos mobilizando, porque sabemos nesta Casa, Suplicy, nós encontramos gente séria como você, gente que pode resolver não só o problema de São Paulo, mas também do Brasil, porque está aqui quem pode decidir o caminho deste país e o caminho de São Paulo: os nossos nobres Vereadores.

Vereador, em nome da representante da Mooca, eu protocolei junto ao Sr. Paulo, junto ao Filipe, a informação de que o Ministério Público mandou parar as obras lá no Galpão Amarelo e fizeram questão de fazer vistas grossas e as obras continuam. Podem fazer uma

visita lá que essas obras continuam. Temos um presidente aqui do galpão amarelo onde eu, há 15 anos, venho batalhando, brigando com polícia, brigando com alguma coisa, para que façam alguma coisa para o trabalhador. Mas para ele não se libera porque ele não tem dinheiro, ele representa uma classe de trabalhador neste país. Então, por isso, parem imediatamente as obras do galpão amarelo, porque nenhum de nós quer ir para o galpão amarelo. (Palmas.)

Queremos trabalhar. Muito obrigado.

- Manifestação do público.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Obrigado, senhor.

O SR. BRUNO GUEDES – Sr. Presidente. Posso? Ele falou um ponto importante para a gente esclarecer aqui.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Um minuto só, por favor.

O SR. BRUNO GUEDES – Ele falou que a gente estava dando prejuízo para a Prefeitura. Acho que esse é um ponto muito importante. Essa feira estimada gerava três milhões de prejuízo, por mês, para a Prefeitura de São Paulo, um custo. Ela gerava em torno de 30 a 40 milhões de custo, por ano, para a Prefeitura de São Paulo, então, para todos nós, ela gerava 30 a 40 milhões.

No momento em que a gente assumiu a feira, essa responsabilidade ficou para a gente. A gente vem perdendo em torno de 10 milhões, por ano, de custo para operar essa feira. A gente deu para a Prefeitura...

- Manifestação do público.

O SR. BRUNO GUEDES - ...a gente já arrecadou para a Prefeitura em vez de a Prefeitura estar perdendo, a gente estima que em cinco anos, a Prefeitura perderia em torno de 200 milhões de reais, gastaria 250 milhões de reais para manter essa feira. Nos próximos cinco anos a Prefeitura vai ganhar em torno de 70 milhões de reais. Então em vez de perder esses 200 milhões, a Prefeitura está ganhando 70 milhões de reais.

Então é importante deixar claro, para todo mundo, que se fala muita coisa que as

peessoas talvez não saibam, muitas pessoas não sabem, algumas pessoas tentam distorcer os fatos. Não adianta gritar para tentar passar informação, a gente está aqui realmente para tirar as dúvidas das pessoas.

Esse projeto, como disse o Dr. Giuseppe, não foi um projeto idealizado por mim, não foi um projeto idealizado pelo Consórcio, ou pela SPE, esse projeto foi idealizado pela Prefeitura de São Paulo.

A Prefeitura de São Paulo entendeu que a Feira da Madrugada gerava um custo que não cabia mais no orçamento da Cidade. Era uma feira que tinha diversos problemas, dificuldades, roubos e ela queria que aquilo melhorasse.

O nosso intuito, quando assumimos essa feira, é de fazer algo melhor, é de melhorar para vocês. A gente sabe que a mudança sempre gera um risco, sempre gera uma insegurança e a gente entende que está próximo de ter uma primeira mudança, que vai ser provisória, para a gente depois ter uma mudança que vai ser definitiva, onde a gente entende que esse novo projeto vai ser melhor para todo mundo.

A gente entende que quando há uma via de mão dupla que você quer duplicar, enquanto se está fazendo a obra há algumas dificuldades. Você gera alguns transtornos, até que você tem sim, mas depois que a via é duplicada ela melhora muito a circulação.

Então a gente entende que esse projeto, assim que estiver pronto, vai ser benéfico para toda a Cidade, para mobilidade e para todos vocês.

Só um último ponto, para deixar claro, vocês não são meus oponentes, vocês são meus clientes.

- Manifestação do público.

O SR. BRUNO GUEDES – Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Eu queria ouvir a Mariane Simões Pereira, da Regional da Mooca, por favor.

Pessoal, não vamos deixar nos levar para outro destino que não seja o de resolver

a questão. Portanto, que a gente mantenha a atenção.

A SRA. MARIANE SIMÕES PEREIRA - Primeiro, quero constar que esta audiência é muito válida, não sei se é a primeira vez que isso ocorre, ou seja, colocar numa mesma sala os permissionários, os comerciantes e o pessoal do Consórcio.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – É a primeira vez.

A SRA. MARIANE SIMÕES PEREIRA - Embora muitos ânimos exaltados, mas toda discussão é válida. Como representante da Prefeitura Regional da Mooca, o nosso papel é fiscalizar. Só deixando... Sr. Adllson?

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. MARIANE SIMÕES PEREIRA - Alex, desculpe.

Já foi feito o embargo da passarela pela Prefeitura Regional da Mooca, a pedido do pessoal de Conpresp, porque a gente segue legislação. Estamos sabendo sim da reforma no galpão amarelo, como vocês chamam, mas isso também segue legislação.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. MARIANE SIMÕES PEREIRA - Isso tudo foi encaminhado para quem é de direito, não é a Prefeitura Regional da Mooca. Um prédio desse tamanho não é aprovado pela Prefeitura Regional da Mooca e nosso papel é fiscalizar. Assim que...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Deixa ela falar, gente, senão não conclui o raciocínio.

- Falas simultâneas.

A SRA. MARIANE SIMÕES PEREIRA - ...pelo Conpresp, qualquer um desses órgãos. Se voltar por qualquer um desses órgãos o pedido para paralisar as obras, nós vamos lá e vamos interditar a obra, novamente.

Sobre a Alessandra que falou. Eu, como urbanista, considero muito válida a sua colocação de que a feirinha tem o papel de feira, mesmo, da madrugada, não de *shopping*.

Mas nós temos de levar em consideração a segurança do local.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. MARIANE SIMÕES PEREIRA - É uma feira, tem o papel de feira, mas ela precisa seguir...

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. MARIANE SIMÕES PEREIRA - Deixa só eu concluir que falo do seu também.

Ela precisa seguir a lei, ter Auto de Vistoria, do Corpo de Bombeiros, precisa ter toda a legislação. Nós tivemos um problema com um *shopping* que pegou fogo, nesse final de semana, na região.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. MARIANE SIMÕES PEREIRA - Tudo isso precisa ser levado em consideração.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Presta atenção.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. MARIANE SIMÕES PEREIRA - Eu concordo com você a ideia da feirinha...

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Por favor.

A SRA. MARIANE SIMÕES PEREIRA - ...mas precisa ser levado em consideração.

Sobre a questão do impacto ambiental, sei que foi feita uma audiência pública, aqui mesmo na Casa, salvo engano foi no final do ano passado, para apresentar o relatório de impacto de vizinhança. Eu não estava presente, só sei que foi feito, já pedi o relatório para o pessoal do próprio Consórcio. Acho que isso até pode ser anexado nos documentos da Casa. O que foi solicitado, foi entregue.

O que precisa ser discutido hoje é a questão entre permissionários, comerciantes e Consórcio. Espero, de verdade, que saia daqui se não com uma solução, mas com um

caminho trilhado.

Obrigada. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Muito bem. Nós temos agora 14 nomes inscritos. Está terminando. Clovis Roque Xavier, Luciene Maria da Silva, Maria Cristina dos Santos, por favor, fiquem a postos.

Em seguida desses quatro, ouviremos o Nilton de Castro, representando o Secretário Eliseu Gabriel.

Por favor, Clóvis.

O SR. CLOVIS ROQUE XAVIER - Boa tarde a todos. Agradeço a oportunidade ao Vereador e aos dirigentes da Casa, agradeço a presença do Dr. Mesquita, que tanto nos ajudou. Mas eu quero começar me dirigindo ao Sr. Maurício e ao Bruno, do Fundo. Lamento dizer para vocês, mas talvez - eu não queria usar essa palavra - mas eu acho que vocês foram enganados. Porque esse projeto que foi apresentado para vocês investirem é uma canoa totalmente furada.

É furada porque o negócio para dar certo, hoje, precisa que todos os lados ganhem. Aquele negócio do passado, onde um lado ganhava e o outro tinha de perder, isso não existe mais.

Eu queria aproveitar também, Sr. Carmelo, pelo amor de Deus, são trabalhadores - estou fazendo só um adendo - trate-os com dignidade, não mande milícias de PMs fazer o que fazem com esse pessoal. (Palmas.) Não faça com que os seguranças continuem fazendo o que vêm fazendo com esses trabalhadores. Por favor. (Palmas.)

Eu fiquei muito triste, Sr. Maurício, quando vi senhoras de 66, 70 anos, indo para a rua - eu conheço várias - isso me corta o coração, corta o coração de qualquer um. Essa pessoa com 60, 70 anos não tem mais condições de trabalhar e ela vai voltar para a rua não sei até quanto tempo vai ficar lá.

Deixa explicar para o senhor por que eu disse que é uma canoa furada. Esse

volume, essa massa de pessoas que está aqui, representa as três mil, quatro mil, cinco mil, 10 mil outras pessoas. Representa sim, Sr. Maurício, representa sim.

Mas antes, quero chegar num outro ponto. O Consórcio criou esse projeto, ele entrou para esse projeto, não sei se vai dar tempo de explicar, mas ele entrou justamente para poder tirar cada um de vocês de lá de dentro, porque vocês não podem pagar o metro quadrado que eles vão cobrar no *shopping center*.

Vocês não podem pagar, por exemplo, R\$ 12.000,00, o metro quadrado. Depende, vai ser de R\$ 25.000,00 a R\$ 12.000,00, o metro quadrado, o metro ABL que eles cobram, o metro quadrado *shopping*. Vocês podem pagar o que sempre pagaram que é o valor de R\$ 500,00, R\$ 400,00, não sei bem quanto era, mas mais ou menos esse preço.

- Manifestação do público.

O SR. CLOVIS ROQUE XAVIER - R\$ 350,00, o metro, sei lá, por semana, e isso não paga nem o *shopping*, vocês não vão conseguir pagar o *shopping*, vocês precisam sair. E qual a forma de tirar vocês de lá? Vocês já sabem como: fazendo uma feira paralela, fazendo com que vocês não tenham venda, fazendo com que vocês sejam expulsos vergonhosamente (Palmas.) e humilhados, humilhados.

Sr. Maurício, eles humilham cada um desses aqui. O senhor talvez não saiba disso.

Eu queria que o Elias estivesse aqui, porque talvez o Elias é a pessoa que tenha dito para vocês como é que a música vai ser tocada.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Concluindo, Clóvis.

O SR. CLOVIS ROQUE XAVIER - Isso causa um dano terrível, um dano humano que amaldiçoa o dinheiro de vocês. O dinheiro de vocês, cada real que ganharem, vocês vão ter sete de prejuízo. (Palmas.) Aqui está o resultado do investimento de vocês, repensem nesse investimento. Desculpem.

Obrigado pela oportunidade.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Luciane Maria da Silva.

O SR. BRUNO GUEDES – Presidente, me deixe corrigir a fala. Quando se fala coisa errada a gente tem de corrigir.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Vou continuar, depois dou para você responder.

Luciane Maria da Silva. Não está? Declina.

Maria Cristina F. dos Santos. D. Maria, três minutos, por favor.

A SRA. LUCIANE MARIA DA SILVA - Eu me chamo Luciane Maria da Silva, vou fazer 60 anos, no dia 10 de agosto, estou na feirinha desde 2005. Quando entrei na feirinha eu trabalhava com aquela banquinha, era só mato ali, agora vem o Consórcio querer tirar a gente. Todo dia está na porta do boxe antes de eu sair.

Derrubaram o meu boxe e me colocaram em outro que é da esposa de um amigo meu, o Rogério.

Até agora eles não me deram nem um papel para pagar. Sempre estou lá, quero meu boleto, meu boleto, estou trabalhando sim. Agradeço ao Carmelo que é uma pessoa boa, o Marcão também. Mas só que até agora não me deram o boleto para pagar. Como que vou pagar um boxe se eu não tenho documento nenhum para pagar. Eu não posso pagar um boxe se eu não tenho documento, se não tenho recibo na minha mão.

Quero pedir para vocês nos ajudarem para que possamos ficar um tempo lá, porque nós não temos como sobreviver. Eu vivo daquele boxe que tenho na feirinha.

Gosto muito e conheço o Suplicy há muitos anos, adoro de paixão mesmo, é uma pessoa muito boa.

Quero pedir a vocês que nos ajudem, porque vocês têm como nos ajudar. Não é chegar no boxe hoje, como eles chegaram ontem no meu boxe, dizendo que daqui a 20 dias tenho de desocupar. Vou para onde? Vou arrumar emprego onde? Sobrevivo dali. É ali que tenho de ficar. Dali eu não vou sair. (Palmas.) Não vou sair. Para me tirar dali vai ter que lutar, porque eu não vou sair da feirinha. Não tenho onde ficar. Na rua não pode ficar porque a

polícia pega nós e bate e tem que sair da rua.

Então eu quero pedir a vocês uma CPI para poder mostrar a verdade da feirinha.

Ele ali fala da feirinha. Meu amigo, você nem conhece a feirinha, quando você chegou, nós já estávamos lá, entendeu? Então não pode conhecer a feirinha. (Palmas.) Você não conhece a feirinha.

Você aí não conhece a feirinha? Vocês são pau mandado pelos outros, você já conhecia a feirinha. Então a minha palavra é essa.

Um abraço para o Suplicy, de coração, que eu o amo demais. (Palmas.)

E quero apresentar também meu amigo Neilson de Paula, que é o presidente que sempre nos representou. Estamos sempre junto com o Neilson de Paula que é da rua também e sempre nos ajudou.

Quero falar para vocês, Suplicy, nos ajudar, porque todo dia é um negócio na feirinha, todo dia é um problema, uma confusão, todo dia é uma briga. Ele aí não conhece nem a feirinha aí está falando da feirinha, meu amigo, pegue o seu banquinho e saia de mansinho aí, você ganha mais. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – D. Maria Cristina F. dos Santos. D. Maria, três minutos, por favor. Vamos que a hora está avançando.

A SRA. MARIA CRISTINA F. DOS SANTOS - Boa tarde. Estou na feira, junto com o Dr. Aílton, desde o primeiro dia que abriu. Como se diz, no mato só tinha teiú lá dentro e nós. Nós estávamos em 40 pessoas lá dentro. O Dr. Aílton implorava: não desistam, isso vai virar, isso vai dar certo.

Tinha dia que um emprestava dinheiro para o outro pegar condução para voltar para casa. Quem vinha com garrafa de café para vender, voltava com ela cheia, porque a gente não tinha um real para tomar um café.

Fizemos aquela feira. Se há aquele comércio todo em volta, *shoppings*, tudo se deve a nós, a esses 40 que começaram lá dentro. (Palmas.)

Aí passou o tempo, começou uma perseguição pelas administrações. Para quem sempre sobrou? Para nós. Fecha a feira, ficamos sete, oito meses, passamos necessidades. Comerciantes lá dentro passaram fome. A maioria não tem mais idade de ir para a rua. Hoje, eles falam que nós vamos para o amarelão. É um caixote amarelo que cabem 900 pessoas. Como que eles querem enfiar 3.800 pessoas lá dentro?

Foi dito aqui que a feira tem 3.800 pessoas e estão querendo tirar força dos 200 que estão aqui. Entendeu? Aqui não tem 3.800 pessoas como não cabem 3.800 pessoas naquela caixa amarela. (Palmas.) Entendeu?

Como que ele fala aqui que vai transferir 3.800 pessoas para um lugar que cabe 900? É um poeirão, cheio de verduras podres em volta. Quem vai vender uma roupa lá dentro? Ela vai sair podre de poeira. O pessoal deve ter foto, filmagem do lugar que eles querem que a gente vá. Se querem que a gente saia de lá, nos coloquem em um lugar decente, que a gente venda.

Eu estou em dia lá, antes que alguém fale alguma coisa, eu não devo nada para ninguém. Falaram o seguinte: se você não quer pegar um boxe lá dentro congela, quando a obra sair você volta para o *shopping*. Tudo bem, congela dois anos, eu fico em casa vou comer o quê? Capim? Vou dar o que para os meus filhos? Dois anos na construção desse *shopping*. Quem pediu esse *shopping*? Alguém perguntou para nós que fizemos e que fundamos a feira? Vocês querem? Vocês estão de acordo? Perguntou para os nossos clientes?

A feira é ponto de referência do Brás. Ninguém vai ao Brás sem passar pela Feira da Madrugada. *Shopping*, quem quiser, vai sabe para onde? (Palmas.) Tem um *shopping* lá do lado, o Mega Polo, lá tem casa lotérica, ar condicionado. A gente vivia debaixo de lona, num sol desgraçado, estamos aqui todos vivos. Ninguém pediu ar condicionado, ninguém pediu água, ninguém pediu nada. A gente quer manter a nossa feira. (Palmas.)

A nossa feira. A nossa feira. Não é deles, é nossa. Agora virou o quê? Tem um ponto que todo mundo quer...

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Para concluir, D. Maria.

A SRA. MARIA CRISTINA F. DOS SANTOS - Só vou concluir.

Agora, quando era como o Dr. Ailton falou antigamente, ninguém queria. Ninguém queria. Fomos nós que comemos capim lá para fazer a feira. Hoje, todo mundo quer.

Um não pôde sozinho, se reuniram 10. Mas esses 10 não vão derrubar nós que estamos lá, porque fomos nós que construímos. Para nos tirar de lá vão ter de lutar muito. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Degivaldo da Silva.

O SR. DEGIVALDO DA SILVA – O senhor de cabelo grisalho que é membro do Consórcio, acho que mais feio é quando você faz uma reunião e não vão 50 trabalhadores. Isso é que é feio.

Esse grupo de empresários não conseguiu em um ano administrar a feira, como podemos confiar em vocês em um shopping? Nós ficamos inadimplentes porque vocês não foram capazes de administrar aquela feira. Hoje, eu estou com meu nome sujo, pode olhar a data, dia 6 de junho do ano passado para cá. Estou negativado no banco e com vocês. Vocês destruíram a minha vida. Levaram meu carro embora porque eu estou lá no meio do corredor e hoje vocês estão vendendo os corredores em volta da feira para um monte de gente e vocês nem me ofereceram para saber se eu queria ir naquele ponto onde passa milhares de pessoas vindo da Rua Oriente. (Palmas).

A fiscalização da Prefeitura não foi lá perguntar para mim se eu estava sendo lesado ou não. Nunca foi ninguém da Prefeitura com crachá na mão para perguntar para a gente como está a feira. Nunca. Eles fazem da gente gato e sapato.

Esses senhores que se dizem representantes nossos, da associação, nunca foram porque fomos enganados a assinar um contrato onde tinha uma folha extra dizendo que era o condomínio. As pessoas achavam que o condomínio fazia parte do consórcio. A empresa que está cobrando o condomínio da gente e você vai reclamar e eles dizem: “Você está aqui para

trabalhar e a gente está aqui para receber.” Eles estão aqui para administrar. Se vocês todos não tiveram a capacidade de no mínimo administrar aquela feira, vocês não merecem nunca mais estar ali. Eu, pelo menos, não tenho confiança em vocês nunca. (Palmas).

Isso é uma prova de que isso é um bando de empresário que ficavam de olho, como um monte de urubu, naquele povo “vamos agora usá-los para montar o nosso shopping”, como vários que eles já montaram em volta e fecha a feira. Abre shopping, fecha a feira. Foram 12 anos de sacrifício, estamos nos nossos últimos momentos. Eu não aguento mais. Muitas pessoas falavam que estavam ali e esses quatro mil trabalhadores merecem ficar naquele shopping. Se as pessoas querem ganhar dinheiro, vão procurar em outro terreiro porque aquele é nosso, direito adquirido. (Palmas).

Se houve problemas durante todo esse tempo, os problemas aconteceram porque não houve fiscalização da gestão anterior da Prefeitura. (Palmas).

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Agora, Manoel Sabino.

O SR. MANOEL SABINO – Boa tarde a todos. Meu nome é Manoel Sabino, vários já me conhecem.

Eu vou dar a minha opinião. Há muitos trabalhadores da Feira da Madrugada e aqueles que me conhecem sabem que inúmeras vezes preparamos manifestos, fomos atrás de Haddad, contratamos carro de som, preparamos várias situações questionando se chegar a esse momento, todos perderiam. Isso eu falava lá atrás e falei para todo mundo.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. MANOEL SABINO – Eu nunca perco. Sabe por quê? Porque eu corro atrás. Assim como eu espero que você faça também. O tempo que você perde cuidando da minha vida, você deixa de ganhar o seu.

Em todas as situações o grande problema da feira - e sempre disse isso – é o grupo A, B, C, D, E, F e assim por diante. Quando falamos que não somos ouvidos pelo

consórcio, o problema é que não criamos uma palavra única nossa. Eu não estou aqui para demagogia. Não estou para bajular o consórcio ou da feira. Estou aqui para fazer o que acredito ser certo. Isso eu nunca neguei. Seja justiça, bandido, malandro ou quem é metido a esperto.

Todos, todos, sempre buscaram interesses próprios. Assim como eu faço e a grande maioria que se posiciona como representante faz. O fato é que cabe aos Vereadores, pois a licitação já aconteceu há mais de um ano. É legal ou não? O que acompanho da Justiça é que é legal.

Digo que se a feira acabar hoje – eu tenho familiares lá. Quem me conhece sabe que nunca prejudiquei ninguém.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. MANOEL SABINO – Pessoalmente não.

Houve uma licitação, ela foi ganha. Quanto ao amarelão, eu sempre disse que o amarelão é uma diarreia. O Neilson sempre brigou por aquela situação e respeitamos a situação dele lá. Só que quando a feira não se junta, somos obrigados a aceitar aquilo que nos é oferecido.

Essa é minha opinião.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Próximo, Sr. Wesley Lima. Ele não está.

Vamos ouvir então o Sr. Petrônio Sena de Oliveira.

O SR. PETRÔNIO SENA DE OLIVEIRA – Eu queria fazer uma reclamação. Nós pagamos a reforma da Feira da Madrugada para a Prefeitura e a Prefeitura deu para o consórcio de graça? E o nosso dinheiro? Agora eles impõem que a gente vá para o amarelão.

Nós já tivemos a experiência desastrosa no amarelo. Por que nós vamos novamente? Eles que arrumem um lugar decente no meio do comércio se eles quiserem nos convencer a sair dali. Caso contrário, ninguém vai sair dali. (Palmas).

Ninguém é bobo para sair de lá. Se há algum intruso, são vocês. (Palmas).

Então se vire, arrume qualquer coisa, convençam a gente que vocês estão com boa intenção. A gente acorda a uma da manhã, talvez meia-noite a gente nem consiga dormir com esse clima. Ah, gente, tenha dó. Eu já estou com 68 anos, ralando direto. Estou há 15 anos lá. Às vezes, não levo dinheiro nem para o mercado. Tenha dó. Deem um jeito. Eles estão com a vida feita. Eu vendi uma casa para comprar dois boxes, e o Kassab e o Haddad confiscaram um. Eu só tenho um para sobreviver. Ainda vão me jogar lá para o amarelo? E nós estamos querendo tirar o amarelo da bandeira brasileira por causa deles.

Tchau. Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Pessoal, vamos fazer nossas conclusões e nossas considerações finais.

Tem a palavra o Sr. Nilton de Castro Barbosa, que representa o Secretário do Trabalho Eliseu Gabriel.

O SR. NILTON DE CASTRO BARBOSA – Pessoal, boa tarde.

Conheço o Prof. Eliseu há 90 dias, que eu estou na Secretaria com ele, e há uma preocupação sempre de fazer o que é certo, o que é o melhor. Essa é a preocupação dele.

Quando falam “A Prefeitura fez um projeto, e tal”, na verdade, existe um grupo entre secretarias, não somente a do trabalho, porque são cinco ou seis secretarias que fizeram avaliação e acompanharam o projeto desde o início. Então existem mais pessoas envolvidas, pela complexidade que é um projeto de quatro mil comerciantes, no centro de São Paulo, no maior coração de comércio popular que tenhamos na América Latina. Então é um desafio fazer um trabalho bom e atender todas as partes. Mas a nossa preocupação é de fazer o correto. Mas, agora, eu vou falar como o Nilton, e não como o Secretário e professor.

Talvez, pela complexidade de lidar com tantas informações, não seja numa audiência pública que a gente vá conseguir falar todas as coisas que são importantes. Como o senhor comentou ali: que tem 68 anos e viveu desde o início. Eu não vivi nada do início, eu estou sentindo que quem está aqui é porque realmente está querendo que algo mude. Só que

se a gente também não perceber que nós precisamos mudar, mas todo mundo caminhando junto, para que todas as partes interessadas possam avançar, corre-se o risco de todos nós perdermos. Essa é a questão também.

Sempre que me colocam um desafio eu fico tentando perceber como eu posso ajudar. A gente foi desafiado assim: a gente tem que sair daqui, hoje, com uma solução. Mas será que a solução acontece em duas horas, num dia de discussão intensa? Basta querer. Mas talvez a gente tenha que ter mais tempo para discutir alguns temas que são importantes.

Eu, olhando o projeto, vejo que é um projeto interessante do ponto de vista econômico; talvez caiba ajuste. Agora, olhando no tempo, isso foi se discutindo ao longo do tempo, não foi discutido?

- Manifestação do público.

O SR. NILTON DE CASTRO BARBOSA – Tem um projeto, e cabe fazer uma análise. E acho que devemos caminhar e discutir mais para chegar à uma conclusão que seja boa para todo mundo.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Vou passar a palavra ao nosso Vereador Suplicy, para que também faça uma reflexão sobre tudo aquilo que vimos e ouvimos nesta audiência pública.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUP LICY – Eu acho que nós tivemos, nesta audiência pública, a oportunidade de ouvirmos tanto o Sr. Maurício Keller quanto o Sr. Bruno Guedes, que falaram pelo Consórcio, mas também um número muito significativo de trabalhadores, feirantes da Feira da Madrugada. E pondero ao Sr. Maurício Keller e ao Sr. Bruno Guedes que, sem dúvida, há um sentimento de descontentamento muito grande dos representantes, que são cerca de 200. Mas eu tenho a convicção de que eles, ainda mais com a Feira da Madrugada funcionando hoje, estão falando por todos aqueles que ali estão. (Palmas) Eu, agora, vou pensar alto com o nosso Presidente Souza Santos.

Quero propor os membros do Consórcio, a partir de tudo que ouviram hoje, e esse

sentimento de descontentamento, e tendo em conta que os feirantes da Feira da Madrugada, afinal de contas, são sujeitos importantes da história daquela feira, desde 2005, possam levá-los em consideração. Haverá outros membros responsáveis pelo Consórcio. E avalio que seria importante, se possível até segunda-feira, refletirem, inclusive com o Sr. Rubens, por exemplo, que me visitou. E quero até lhes transmitir que eu recebi do Prefeito Fernando Haddad uma palavra relativa à seriedade com que ele procurou realizar essa licitação e de como este grupo de empresários estava procurando realizar algo muito sério, em benefício da cidade, da comunidade, e, eu imagino, também dos feirantes que ali estão. Tendo em conta esse desconforto com algumas das decisões tomadas, e, aliás, de maneira consistente com a minha primeira palavra, porque eu avalio como muito importante que possam, os trabalhadores, serem consultados.

Caro Presidente Souza Santos, eu vou lhes contar uma história que me veio à cabeça: falaram de meu bisavô, o Vereador Camilo. Vou contar uma breve história.

Por volta de 1870, saiu do sul da Itália, de Castellabate, Franceso Matarazzo com dois filhos, Giuseppe e Andrea – Andrea, meu avô –, e com a Filomena, que era uma pessoa que trabalhava na casa dele, pelo qual ele se apaixonou e se juntou. Ele teve Giuseppe e Andrea. Um amigo dele tinha escrito uma carta: “Olha, venha para o Brasil, que eu acho que você vai ter muitas oportunidades aqui”. E ele, que já cuidava de banha, veio com um carregamento de banha, mas que teve algum problema lá no porto do Rio de Janeiro, perdeu a banha, mas foi para Sorocaba, onde passou a criar porcos e vender, comercializar banha. Teve grande sucesso, e resolveu vir a São Paulo, onde desenvolveu as Indústrias Reunidas F. Matarazzo, que, nos anos 30, foi o maior complexo industrial do Brasil e da América Latina.

Eis que ele, chegando ao Brasil, se casou com a Filomena, e com ela teve mais 11 filhos – 13, no total. Pela tradição do sul da Itália, e para que o controle da empresa fosse bem sucedido, decidiu que seria melhor deixar quase tudo nas mãos de um dos filhos. Escolheu o primeiro, Ermelino Matarazzo, que foi o primeiro a nascer no Brasil. Acontece que este foi para

a Itália, durante a 1ª Grande Guerra Mundial, e, num desastre de automóvel, faleceu. Minha mãe, falecida em 2013, aos 105 anos, me dizia que este filho era tão querido dele que ele guardou as roupas com as quais teve aquele acidente que o levou à morte no baú do seu quarto. E, daí, na continuidade, ele resolveu mais tarde que o escolhido seria o 12º filho, Francisco, conhecido como Chiquinho Matarazzo, sob cuja administração ergueu as Indústrias Reunidas F. Matarazzo, a sede do edifício Matarazzo, que hoje é a sede da Prefeitura. E eis que quando ele escolheu o Francisco, o Chiquinho, o meu avô Andrea teve um desentendimento com o irmão. E só quando o pai estava muito doente para restabelecer o diálogo com o pai, ele achou que era importante conversar com o pai, se despedir no leito de morte. Mas, para isso, ele precisou a assinar a concordância de que o controle das indústrias ficaria com o Chiquinho, o irmão. Todos os demais irmãos tiveram patrimônio. Eu, felizmente, de meu pai e minha mãe, pude ter todas as oportunidades de estudo e tudo. Daí o Chiquinho teve cinco filhos, e acabou fazendo a mesma decisão para que apenas a sua filha caçula, Maria Pia, viesse a tomar conta. Mas acontece que não deu tão certo.

Vocês sabem que as Indústrias Reunidas acabaram entrando em concordata e hoje não existem mais. E meu bisavô faleceu em 1937. E eu nasci em 1941. Mas um dia eu tive um encontro imaginário com o meu bisavô. Disse a ele: “Olha, eu queria lhe fazer uma proposta”. Que como eu me lembro que meu pai filmou, e tinha o filme, do enterro de Francesco Matarazzo, que saiu da Av. da Paulista com a Rua Pamplona, onde ele morava, naquela casa grande que agora é o Shopping da cidade de São Paulo, e desde lá até o Cemitério da Consolação havia, em 1937, cerca de 100 mil pessoas no enterro. Como ele era uma pessoa que chegava muito cedo no trabalho, nas fábricas, e era quase o último a sair, ele era uma pessoa muito respeitada e querida dos trabalhadores. E o fato de 100 mil pessoas estarem no seu enterro significa que aqueles trabalhadores gostavam muito da oportunidade que lhes foi concedida. Pois bem.

Nesse encontro imaginário, um sonho, né, sobre o qual eu até escrevi o artigo Se

eu tivesse um diálogo com o meu bisavô, eu teria recomendado a ele: “Olha, se eu fosse você, eu, primeiro, distribuiria mais equitativamente as ações de todo o grupo das Indústrias Reunidas F. Matarazzo. Mas eu também proporcionaria a cada um dos cerca de 30 mil trabalhadores uma cota de participação nos resultados da empresa. (Palmas) E daí eu pensei comigo mesmo: se isso tivesse ocorrido, se ele tivesse seguido essa recomendação minha, eu acho que todas aquelas pessoas com cota de participação no resultado estariam lutando até hoje para que a empresa continuasse a ter enorme sucesso. (Palmas)

Vereador Souza Santos, eu contei essa história porque eu queria transmitir aos senhores membros do Consórcio o seguinte: quem sabe os senhores possam pensar um pouco sobre aquilo que lhes foi dito nesta audiência. E, quem sabe, pensar em formas de estabelecer um diálogo realmente construtivo, de tal maneira que, quem sabe, na terça-feira, quando estiver para ser votada esta CPI, os senhores já até tenham uma solução e possam, através até do próprio Vereador Adilson Amadeu, falar: “olha aqui, nós temos uma proposta de diálogo, de participação nos resultados do que vai ser esse shopping, de maior respeito a todos os trabalhadores e feirantes que aqui disseram que aqui disseram que não foram consultados sobre isso e aquilo”.

E queria retomar o que expressou a Luciane Maria e a Maria Cristina: “Olha, não é que a gente queira um lugar tão especial, com ar condicionado e tudo, mas o que a gente quer é ter a oportunidade de continuar dando condições de vida adequadas e dignas para as nossas famílias, para nossos filhos”. (Palmas)

Querido Presidente Souza Santos, eu concluo aqui com essa reflexão. Acabei contando uma história que nem imaginaria aqui, mas foi o que me veio à mente, então, quem sabe o Consórcio tenha uma proposta.

- Conversas fora do microfone.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY - Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Se eu mexer nisso aqui vai dar problema.

Vamos encerrar assim então, que é melhor?

- Conversas fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Pessoal, guardem as palavras do Senador, porque isso é história. Conheci a história, isso é importantíssimo, e saber de alguém que fez parte da história, uma pessoa formidável como o Senador, com quem a gente aprendeu a conviver. Muito bom.

A CPI foi protocolizada, nós escolhemos 36 assinaturas de 55 Srs. Vereadores. Durante a semana, ela será apreciada em plenário pelos Srs. Vereadores e, daí para frente, a gente sabe como começa a CPI, mas não sabe como termina. Mas vai acontecer. (Palmas)

O Sr. Maurício tem uma proposta e veio aqui falar comigo. Eu conheço a Feira da Madrugada muito bem. Posso falar que estive lá, com os pés lá dentro, e é importante que vocês saibam de uma coisa: quando a gente começa algo com um propósito como o que a gente está fazendo aqui hoje, não se pode fugir da responsabilidade. Ou seja, estamos juntos. Não adianta aparecer aquele monte de pessoas para puxar para cá e para lá. O problema da Feira foi esse lá atrás. Nós queríamos resolver o problema, apareceu um grupo não sei de onde e puxou para lá, deu no que deu.

Então, vamos trabalhar juntos, porque sei da realidade. São 4.000 trabalhadores que sustentam suas famílias. Dada a crise que o Brasil está enfrentando, isso não é brincadeira, nós temos que resolver o problema, senão teremos 4.000 pessoas na rua sem emprego, passando necessidade; como vocês falaram, ficarão correndo da polícia, da guarda civil metropolitana, levantando cacetada. Vocês sabem disso.

Não estamos aqui para fazer hora. O Sr. Alex, que está vindo toda quarta-feira na Comissão de Política Urbana, tem usado a palavra para fazer seus questionamentos, e isso é fruto do requerimento do Vereador Suplicy.

E aqui, pessoal, eu não estou trabalhando para voto. Nós queremos que o Brasil funcione, e São Paulo é a locomotiva deste país; e a referência de comércio popular é a Feira

da Madrugada, no Brás.

Vou passar a palavra para o Sr. Maurício para fazer suas considerações e sua proposta.

O SR. MAURÍCIO ROBERTO RIBEIRO KELLER – Ouvindo as pessoas que falaram aqui, uma coisa me chocou e acho que a gente tem que avançar para mostrar que estamos com boa vontade. Ninguém quer brigar aqui, a gente quer resolver a situação de vocês e a nossa situação.

Noventa por cento das pessoas disseram que não estão podendo trabalhar porque estão com o nome no Serasa. É isso? Eu já liguei para o nosso Diretor Financeiro, já mandei tirar todos do Serasa. (Palmas) Agora eu gostaria que, em troca, daqui a 60 dias, vocês comecem a pagar o que está atrasado.

- Manifestação na galeria.

O SR. MAURÍCIO ROBERTO RIBEIRO KELLER – Então, veja bem, a gente não vai querer resolver tudo numa reunião. Vamos dar o primeiro passo, como o Vereador Suplicy falou. Vamos tirar o Serasa, vocês vão trabalhar sem nome sujo. Depois, a gente pode fazer outra audiência e ver como poderá ser resolvido isso.

- Manifestação na galeria.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Vamos marcar outra reunião. Calma! (Pausa) Deram prazo de até dia 19 para pagar? Calma, gente.

- Tumulto.

O SR. MAURÍCIO ROBERTO RIBEIRO KELLER – O senhor entendeu? Sempre votei no Suplicy, a vida inteira, sei da seriedade do Suplicy, e para mostrar a nossa vontade de resolver já tomamos a primeira medida. Vamos tirar o Serasa, depois a gente evolui em outras coisas. A gente pode fazer tudo, desde que se converse.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Eu entendi.

- Tumulto.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Pessoal, tenho de encerrar. Vou fazer as considerações finais. Vou dar a palavra, da direita para a esquerda, para as pessoas fazerem as suas considerações finais. Voltaremos a fazer audiência pública, ainda este mês. (Palmas)
Eu vou marcar uma data.

Tem a palavra a Sra. Solange, para suas considerações.

A SRA. SOLANGE MARIA ALVES NEVES – Boa tarde a todos. Sou comerciante há 28 anos e estou na Feira da Madrugada há 12 anos. No entanto, meu amigo aqui falou que lá se paga R\$ 910,00. Mas, senhores, o meu boleto é de R\$ 2.650,00, não R\$ 910,00.

Outra situação, falaram de tirar o nome do pessoal do SPC.

O SR. BRUNO GUEDES – Você tem um box ou uma loja?

A SRA. SOLANGE MARIA ALVES NEVES – Eu tenho um box. Todos lá são box.

O SR. BRUNO GUEDES – O seu não é um box.

A SRA. SOLANGE MARIA ALVES NEVES – O meu é um box somente um pouco maior.

O SR. GIUSEPPE GIAMUNDO NETO - O valor é por metro quadrado. Então, se é maior, a senhora paga mais.

A SRA. SOLANGE MARIA ALVES NEVES – Não, senhor. Eu tenho o direito. Estou lá há 12 anos, não comecei hoje.

O SR. BRUNO GUEDES – A senhora tem TPU?

A SRA. SOLANGE MARIA ALVES NEVES – Quando fizeram os TPUs, em 20 dias, como é o caso de muitos aqui, eu estava no nordeste visitando meus pais. Por um único cadastro que eu não fiz, me tiraram esse direito. No entanto, continuo lá trabalhando.

Quando a nossa Feira ficou fechada por quase nove meses, eu estava no meio das ruas trabalhando. Quando abri, voltei para dentro da Feira. Tenho o direito, sim. Agora não tenho condições de pagar R\$ 2.650,00, não ganho para isso.

E quero saber das 148 pessoas que estão para ser despejadas, o que acontecerá

com elas?

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Obrigado. Tem a palavra o Dr. Mesquita.

O SR. FÁBIO GOMES MESQUITA – Existe uma diferença entre legitimidade e legalidade. Pode ser legítima a forma como o Consórcio entrou na Feira da Madrugada. Entretanto, não estão legítimos os procedimentos que estão sendo tomados.

No começo, era para ser uma coisa pro-sociedade, beneficiando a sociedade e os que lá já estavam, com direito adquirido, mas não é isso que estou vendo. O que vejo é um monte de ação de despejo, com pedido de liminares, estou vendo todo mundo entrando em SPC e Serasa; entretanto, a maior parte de quem está entrando na Justiça, o Juiz está mandando tirar esses nomes do Serasa, porque é um ato arbitrário.

O que vejo é a manipulação de uma situação que deveria ser legal, no contexto de que se começam a fechar as entradas, a manipular um box para o outro lado, dificultando a vida de todo mundo lá.

Por fim, não entendo que R\$ 910,00 seja um valor baixo. Que sejam R\$ 954,00. Olha, R\$ 500,00 o m², pelo tamanho que é essa Feira, isso é um absurdo de dinheiro. Oriento a todos a depositar em juízo e discutirem pela lei do inquilinato.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Obrigado. Tem a palavra o Sr. Walter.

O SR. WALTER MEZETTI – A Prefeitura da Mooca deseja sinceramente que, através de negociações, através de muita conversa, que realmente será preciso, vocês cheguem a um acordo. Realmente são famílias que estão querendo somente levar o ganha-pão para casa. A função da Prefeitura é zeladoria, cuidar de pessoas, de lugares. Contem conosco nesse sentido.

Agradeço a todos e desejo boa sorte e um bom entendimento. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Obrigado. Tem a palavra a Sra. Mariane.

A SRA. MARIANE SIMÕES PEREIRA – Somente agradecer a oportunidade da presença de todo mundo, fazer das palavras do Sr. Walter as minhas com relação a Prefeitura

Regional. Estamos dispostos a atendê-los, com todo o protocolo que já tiveram anteriormente. Como o senhor já falou comigo, eu preciso desse número. E deixar claro que o diálogo é sempre o melhor caminho.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Pessoal, proponho ao Senador Suplicy de fazer uma audiência pública no dia 19, às 15h. Quando vocês quiserem. Quer fazer que horas? 15h, está marcado.

Vou convidar o Secretário Eliseu Gabriel, vou convidar a Sra. Heloisa Proença, da SMUL. Até lá, vocês vão conversando educadamente com o Consórcio.

Gente, nós estamos com toda boa vontade de ajudar. Vou passar a palavra ao Sr. Gilson.

O SR. GILSON ROBERTO DE ASSIS – Boa tarde a todos. Quero voltar a falar de um item aqui, sobre a taxa de R\$ 910,00, que não era para ser cobrado esse valor, era para se cobrar R\$ 320,00. A gestão passada incluiu a obra da feira nessa taxa, que não era de R\$ 910,00. Nós brigamos muito por isso no Fórum Federal. Quem me conhece sabe que a ação de 2012 foi minha. A Feira está aberta até hoje, porque entrei com essa ação lá atrás. Então, está errado isso.

O condomínio da Feira era de R\$ 320,00, mas o Prefeito da gestão antiga mudou para R\$ 910,00 em 24 parcelas. O Consórcio chegou e acrescentou um pouco mais.

Outra coisa, o Consórcio pagou a Feira em meados de fevereiro do ano passado e, até hoje, não fez uma benfeitoria dentro da Feira. Os banheiros lá não têm condição de uso. Estão aqui as fotos para vocês verem.

A Feira cresceu 30%. Foram derrubados lá 36 boxes, mas até hoje não recolocaram. Todo o dinheiro público que se gastou pela Prefeitura foram R\$ 28,5 milhões, e 36 boxes foram jogados no chão na calada da noite. Isso está no Tribunal, mas não temos retorno.

Tenho fotos de que a Feira está crescendo todos os dias para os lados, mas o miolo da Feira está morto. Os comerciantes aqui não trabalham, a Feira está morta. É uma instituição falida por culpa do Consórcio que entrou lá e vem com o rolo compressor derrubando todo mundo, através de negativação no Serasa, como todos sabem, ações no Fórum do Estado, e as pessoas não têm como trabalhar.

Então, gente, temos que pedir mesmo a CPI para ir para cima do Consórcio, porque eles não tratam ninguém bem naquela Feira.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Obrigado. Tem a palavra o Sr. Nilton.

O SR. NILTON DE CASTRO BARBOSA – Da nossa parte, o interesse é que a gente chegue a um bom termo para avançar.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Obrigado. Tem a palavra o Sr. Maurício.

O SR. MAURÍCIO ROBERTO RIBEIRO KELLER – Eu acho importante que hoje a gente já saiu com a proposta para vocês para atender 90% daquilo que foi falado aqui. Nós vamos tirar o Serasa. No dia 19, a gente pode avançar em outras coisas, porque ninguém quer prejudicar vocês. Se isso está feito, vai ser refeito. Ninguém quer prejudicar ninguém. Só isso.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Obrigado.

Tem a palavra o Dr. Giuseppe.

O SR. GIUSEPPE GIAMUNDO NETO – Mais uma vez, agradecer a oportunidade e dizer que, em função de tudo o que ouvimos aqui, a ideia é ter um diálogo muito maior e muito mais estreito com todos os comerciantes. Esse é o compromisso do Consórcio, da concessionária, de que isso vai passar a existir a partir de agora, com aqueles que reclamaram. Este é o nosso compromisso: as coisas vão se resolver, e nós vamos encontrar o melhor fim para que a concessão possa ocorrer e que vocês tenham seus interesses atendidos, assim como o interesse público, para que também possa ser cumprido.

Esse é o nosso propósito, a nossa intenção.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Obrigado.

Tem a palavra o Sr. Bruno.

O SR. BRUNO GUEDES – Como todos aqui, gostaria de agradecer ao Vereador Suplicy e ao Presidente desta reunião. Como falou o Giuseppe, gostaria de dizer que o nosso interesse, apesar de muitos acharem o contrário, é de que todo mundo esteja feliz e que consiga continuar. Precisamos de vocês, precisamos de cliente e vamos precisar de consumidores para darmos continuidade a esse projeto, que não foi feito para ganharmos dinheiro em seis meses nem para vender nada. Nosso investimento foi de 700 milhões e, para recuperá-lo, leva-se de cinco a dez anos. Por isso, esse é um projeto de 35 anos.

Vamos, portanto, querer dialogar melhor e uma sugestão que queremos dar é a seguinte: formação de um comitê com três membros da parte de vocês para podermos conversar. Se vocês puderem, me passem agora os nomes de três de vocês.

—
- Manifestações no recinto.

O SR. BRUNO GUEDES – Estamos dispostos a dialogar. Isso se vocês acharem bom.

- Manifestações no recinto.

O SR. BRUNO GUEDES – Complementando o que o Vereador Suplicy falou, que me chamou a atenção, queremos promover a participação de todos os trabalhadores.

Já demos entrada do nosso projeto na Secretaria. A intenção é poder listá-lo na Bolsa e dar acesso a todos para serem sócios dele.

- Manifestações no recinto.

O SR. BRUNO GUEDES – Vamos querer que todo mundo possa ser sócio desse projeto.

- Manifestações no recinto.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Estamos dispostos a fazer isso. Se vocês quiserem definir o nome de três membros hoje, ótimo. Caso contrário, vou colocar...

- Manifestações no recinto.

O SR. BRUNO GUEDES – Como pedido, vou fazer uma eleição na feira para definirmos três membros que vão ser eleitos por vocês, a pedidos de vocês, a fim de termos conversas semanais, quinzenais ou mensais para vocês apresentarem os seus pontos e nós, os nossos. Todas as conversas que formos ter, vamos apresentá-las no jornalzinho da feira.

Como disse o Maurício, vamos tirar todos os Serasas neste momento e vamos fazer uma eleição para escolher representantes dos feirantes com quem iremos conversar.

Boa noite e muito obrigado a todos.

O SR. PRESIDENTE (Souza Santos) – Obrigado.

Nada mais havendo a ser tratado, dou por encerrada esta audiência pública da Comissão de Política Urbana.

Tenham todos uma boa noite. (Palmas)
